

A Transferência Linguística e a Tradução

Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa(?)

Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
no âmbito do
Mestrado em Estudos de Tradução

José Miguel Pinto de Almeida
Junho / 2001

Apresento os maiores agradecimentos ao Professor Doutor Manuel Gomes da Torre pela clareza dos esclarecimentos que me deu, pela constante disponibilidade e ajuda incondicional que me prestou e, acima de tudo, pela confiança e incentivo que em mim depositou.

Os meus agradecimentos vão igualmente para todos aqueles que mostraram o seu apoio e companheirismo nos momentos mais decisivos e trabalhosos. Não os esquecerei.

O meu apreço vai, por fim, para a minha família e em especial para a minha esposa que soube tornar os períodos mais amargos em momentos de doçura.

A todos o meu obrigado.

ÍNDICE

Introdução.....	p. 4
1 Línguas em contacto	p. 10
2 A Interferência Linguística	p. 19
2.1 Factores Extralinguísticos de Interferência.....	p. 26
2.2 Factores Estruturais de Interferência.....	p. 44
2.3 Tipos de Interferência.....	p. 48
2.3.1 Interferência Fónica e Ortográfica.....	p. 48
2.3.2 Interferência Morfológica e Gramatical.....	p. 53
2.3.3 Interferência Semântica.....	p. 58
3 A Transferência Linguística.....	p. 73
3.1 Formas de Transferência aplicadas à Tradução.....	p. 78
3.1.1 O Estrangeirismo e o Empréstimo.....	p. 78
3.1.1.1 Reestruturação do Estrangeirismo....	p. 83
3.1.2 Decalque.....	p. 89
3.1.3 Criação neológica.....	p. 92
4 A Transferência Linguística: problematização tradutológica..	p. 98
4.1 Funções e uso.....	p. 98
4.2 Estímulo ou resistência.....	p.103
4.3 Estrangeirismos e Lexicalização.....	p.105
5 Conclusão	p.107
6 Bibliografia.....	p.111

Introdução

O português é hoje língua veicular para cerca de 200 milhões de pessoas dispersas por todos os continentes. O contacto estabelecido com línguas africanas, asiáticas e outras, levou a que o português aí falado acabasse por assumir formas diferentes do português continental. No Brasil, por exemplo, as diferenças são consideráveis não só a nível fonético, como também lexical e sintáctico. Noutras regiões, como Angola e Moçambique, o contacto entre a língua portuguesa e as línguas locais deu origem a diversos creoulos, apesar de a língua oficial ser o português¹.

A imigração de muitos portugueses para outros países como a França, os Estados Unidos e América Latina, originaram situações de bi-/multilinguismo, em que o português e outra(s) língua(s) se misturam e influenciam mutuamente.

Mais recentemente, outro fenómeno faz com que as pessoas (e, por conseguinte, as línguas) estejam cada vez mais perto, mais em contacto: a força das novas tecnologias ao dispor dos *mass media*, do poder da comunicação social. Na Europa, é também a força comunitária que, cada vez mais, unifica, uniformiza e coloca em contacto os seus euro-cidadãos.

No momento em que se trocam/comercializam conhecimentos, métodos, procedimentos, práticas, ideias, produtos, equipamentos, etc, sente-se a necessidade, cada vez mais urgente, por um lado, de

¹ Cf. CUNHA, C. e CINTRA, L. 1992:9-24

especialização por domínios/áreas do saber humano e, por outro, de proficiência em mais do que uma língua. Terminologias coerentes e precisas são, pois, uma necessidade bem actual justificada, pelo avanço e pela multiplicidade das novas tecnologias onde se exige o máximo rigor terminológico na descrição de aparelhos, máquinas, etc e portanto maior eficácia nos actos de comunicação.

Os vocabulários técnico-científicos em Portugal surgem frequentemente dispersos, incompletos, sem marcas de coerência, o que induz a utilizações erróneas. Tal facto acarreta inúmeros inconvenientes, sobretudo, cria não-compreensão entre utilizadores, devido a ambiguidades, polissemias, designações não unívocas resultantes da não adequação às noções científicas ou técnicas para que remetem. Não se trata sem dúvida dum fenómeno exclusivamente português, mas nem por isso deixa de ser pertinente a sua referência.

A actividade terminológica no domínio dos diferentes vocabulários tecnico-científicos europeus é um caminho no sentido tanto duma uniformização, e posterior normalização, a nível geral, como do respeito pela especificidade etnocultural das regiões que constituem a Europa².

A transmissão e difusão de conhecimentos em qualquer ciência, quer entre especialistas, quer em instâncias de divulgação, requer terminologias coerentes e unanimemente aceites. Por outro lado, a evolução constante das tecnologias, implica, no campo léxico-semântico, remodelação e, por conseguinte, transformação constante e constante reequilíbrio do sistema.

Na língua portuguesa, são em especial as áreas técnicas e científicas que levantam o problema de forma mais insistente: não só é difícil estabelecer unanimidade na aceitação, em espaço lusófono, de certos termos de equivalência, como é igualmente difícil encontrar uniformidade dentro da própria língua, onde proliferam inúmeros termos para um mesmo conceito, dependendo o seu uso da região, da corrente

² Cf. SIGUAN, M. 1996

linguística ou da tendência para maior ou menor pureza linguística, por parte do utilizador.

Por isso se defende que, a par de qualquer actividade terminológica, se devam igualmente desenvolver actividades de normalização, mediante convenções entre utilizadores, ainda que tal implique criar legislação apropriada, promulgada por um organismo vocacionado para esse fim específico. Indo mais além, será necessário destruir hábitos de facilidade designativa e persuadir, quanto à necessidade de criar hábitos de precisão e respeito pela própria identidade cultural, hábitos revelados no uso da língua materna.

As influências linguísticas de outras nações na língua portuguesa são sobretudo o resultado de uma economia global crescente, envolta em necessidades comerciais e de mercado, mas também de transacção de informação e conhecimentos que ultrapassam as barreiras linguísticas.

Aliás, o conceito de contacto e interferência linguísticos não é novo, nem é característico de uma determinada época ou espaço geográfico. Trata-se de um fenómeno universal já que, ao longo da História, diferentes povos estabeleceram relações de todo o tipo, não só pela proximidade territorial, mas também devido a interesses comerciais, políticos económicos, religiosos, entre outros. Geralmente associado a situações de aculturação, o contacto interlinguístico, do ponto de vista antropológico, terá permitido ao homem uma tomada de consciência da sua própria natureza social e cultural.

É possível encontrar uma vasta literatura em que geógrafos e etnógrafos descrevem populações bilingues, sociólogos examinam o funcionamento de línguas coexistentes numa comunidade, juristas estudam o estatuto legal de línguas minoritárias, psicólogos analisam os efeitos do bilinguismo na personalidade, etc. Embora sendo tão divergentes no que se refere a objectivos, tais estudos acabam por se tornar complementares à compreensão deste fenómeno multifacetado e

complexo. Deste modo será difícil encarar a interferência linguística como um fenómeno puramente linguístico, sem que se tenha em consideração o cenário sociocultural em que esta ocorre.

Nos dias de hoje, as relações internacionais impulsionadas pelos acordos comerciais, económicos e políticos, os recentes e contínuos avanços tecnológicos que encurtam cada vez mais as distâncias, a importância em manter a informação actualizada e instantânea, a actividade e a influência levada a cabo pelos diversos meios de comunicação, entre outros motivos, fazem com que a intercomunicação se tenha convertido num dos fenómenos mais importantes das nossas vidas. O contacto interlinguístico e cultural é cada vez mais um fenómeno global, não se restringindo por isso à proximidade geográfica.

A transmissão e difusão de informação, conhecimentos, formas de estar e de sentir, efectua-se hoje em dia a um ritmo alucinante, por um lado pelas crescentes necessidades do progresso tecnológico e científico, mas também pelas “exigências” comunicativas impostas pelos *mass media*. Estamos, no fundo, ante uma situação, originada pela necessidade de comunicação, de interacção nos mais diversos domínios do conhecimento e da experiência humana, comunicação em que a língua “anglo-americana” tem vindo a assumir papel de língua veicular internacional dominante. Daqui se depreende a extraordinária importância da tradução na actualidade, pela necessidade de comunicar mais e melhor, estabelecendo uma ponte imprescindível entre os diversos povos, línguas e culturas desta “aldeia global” em que vivemos. De igual modo, a análise contrastiva entre línguas (inerente à tradução), contribuirá decisivamente para uma melhor compreensão do funcionamento das mesmas e das relações que estabelecem entre si:

"A tradução permite confrontar as línguas, dando acesso a reflexões que tanto podem desaguar em dados práticos para o ensino das línguas como em dados teóricos para o conhecimento do modo como as línguas se processam e funcionam."

(VILELA, M. 1994:10)

Do ponto de vista tradutológico a transferência linguística assume, assim, uma extrema importância pragmática nas velhas questões relativas à equivalência ou intraduzibilidade linguística e cultural, no problema da (in)fidelidade ao original, na questão da perda ou ganho lexical e/ou de sentido, na polémica da aculturação *versus* a naturalização, nos efeitos visados na recepção da mensagem traduzida, entre outros.

Com esta dissertação pretendemos sobretudo analisar, genericamente, a interferência e o contacto entre línguas, examinando os factores extralinguísticos e estruturais e os tipos de interferência mais visíveis e comuns, relacionando-os continuamente com a problemática tradutológica.

Neste sentido procuraremos reflectir sobre a questão da transferência e consequente (não) adaptação linguística de termos e/ou conceitos estrangeiros, neste caso em particular dos anglicismos. Por outras palavras, como deverá (ou poderá) o tradutor lidar com vocábulos anglo-americanos que todos os dias penetram no sistema linguístico português, com especial incidência na linguagem corrente do quotidiano. Constituirão esses vocábulos ameaças ao funcionamento da língua e à própria tradução ou revelar-se-ão formas eficazes de comunicação e interacção? Tentaremos responder a estas questões encarando o processo de transferência linguística como uma opção tradutológica com múltiplas implicações ao nível linguístico, pragmático, estilístico e da recepção.

Ao longo desta dissertação, os exemplos de anglicismos usados, foram retirados de obras e dicionários de referência descritos na bibliografia e que serviram de *corpus* de análise e pesquisa. Não houve, portanto, uma intenção de realizar uma súmula descritiva de todos os anglicismos em diferentes áreas ou níveis de língua, mas sim procurámos problematizar o seu uso e questionar a sua (in)eficácia dentro dos estudos de tradução.

1 Línguas em contacto

A evolução e dispersão das línguas estão intimamente ligadas ao percurso socio-histórico dos seus falantes e das comunidades a que pertencem. Deste modo, o estudo diacrónico de uma língua passa em grande medida pela análise da história dos contactos linguísticos e culturais que se processaram ao longo do progresso dessa língua.

A noção de línguas em contacto é habitualmente associada a contextos bi- ou multilingues em que duas ou mais línguas ou dialectos distintos estabelecem entre si relações de força, necessidade ou dependência, resultantes do contacto social dos respectivos falantes, enquadrados em situações de comunicação de ordem diversa. A extensão, direcção e natureza da interferência de uma língua noutra, será, sem dúvida, melhor explicada em termos de comportamentos discursivos dos indivíduos, que são, por sua vez, condicionados pelas relações sociais e culturais que estabelecem na comunidade em que vivem. Muitos antropólogos têm considerado este tipo de contacto linguístico como uma componente importante de um contacto entre culturas, em que a interferência linguística se revela factor de difusão cultural e, eventualmente, de situações de aculturação.³

Independentemente da delimitação de fronteiras políticas e de nacionalidades, a maioria dos países do mundo é bilingue ou multilingue e não monolingue. Tal significa que raras são as comunidades que partilham uma única língua, sem que outras coexistam no mesmo espaço geopolítico. De facto, a delimitação das fronteiras nacionais que, frequentemente, não coincide com a de fronteiras linguísticas (vejam-se os casos da Suíça ou da Bélgica, por exemplo), a emigração para países estrangeiros por razões socio-económicas, a colonização ou ocupação

³ Cf. WEINREICH, U. 1970:17-20

de outros países, ou ainda o simples facto de se aprenderem línguas estrangeiras, conduzem a uma inevitável coabitação linguística.

Hoje em dia, graças ao desenvolvimento das novas tecnologias de informação e ao impacto dos meios de comunicação de massa, o contacto linguístico ultrapassa todas as fronteiras territoriais e barreiras ideológicas e culturais.

Esta expansão da inter-relação linguística além fronteiras deve-se, inevitavelmente, à globalização, internacionalização e consequente alargamento do mercado de trabalho, como resultado das imposições do progresso da economia global. Também ao nível cultural e recreativo, sectores como a moda, a música, o cinema, o turismo, juntamente com o impetuoso desenvolvimento das telecomunicações e dos sistemas de informação digital, estimulam o contacto e a internacionalização linguística.

Nesta perspectiva, será importante diferenciar este fenómeno, do do bi- ou multilinguismo, uma vez que, este último, resulta da aprendizagem, do contacto interpessoal, e da convivência do falante com duas ou mais línguas, de tal modo que este se torna, até certo ponto⁴, proficiente em ambas. Uriel Weinreich (um dos primeiros estudiosos do contacto entre línguas) define o fenómeno do bilinguismo como:

“The practice of alternately using two languages...”

(WEINREICH, U.1970:3)

Por sua vez, Haugen afirma que:

“Bilingualism may be of all degrees of accomplishment, but it is understood here to begin at the point where the speaker of one language can produce complete, meaningful utterances in the other

⁴ Estará fora deste estudo a problemática da (im)possibilidade da total e eficaz competência linguística em mais do que uma língua, sem que daí haja interferência linguística e cultural sobre ambas.

language. From here it may proceed through all possible gradations up to the kind of skill that enables a person to pass as a native in more than one linguistic environment”.

(HAUGEN 1956:6-7)

Nas comunidades bilingues ocorrem frequentemente situações, não só de interferência linguística, mas também de aculturação, uma vez que o falante bilingue lida, recorrentemente, com línguas e culturas pertencentes a contextos socioculturais diversos. O *Emigrês*, designação abordada por Eduardo Dias quando se refere ao fenómeno de interferência linguística resultante do longo período de coabitação de emigrantes portugueses em países estrangeiros (nomeadamente o caso de açorianos que habitam nos EUA⁵), reflectem dois fenómenos comuns no bilinguismo:

- “Code-Switching” (ou alternância de código) entendido como “...the alternative use of two languages without any interferences as well as their alternation with several types of interference.”⁶, está relacionado com a diglossia na medida em que a selecção de sintagmas ou frases de uma das línguas e não da outra, pode corresponder a intenções sociais, para além de poder ser motivada psicologicamente. Exemplo: “A *garden-party* da Wilma foi *smashing*, tudo muito *cool* e *fashion*.”⁷
- “Code-Mixing” (ou mistura de códigos) consiste no “(...)cruzamento de traços ou elementos gramaticais das duas línguas dentro de uma mesma unidade

⁵ DIAS, E. 1989:86

⁶ Cf. GRÄHS, L.; KORLÉN, G.; MALMBERG, B. 1976:297

⁷ DIAS, E. 1989:86

linguística...Trata-se de um fenómeno que produz resultados não totalmente controláveis, embora, em princípio, responda a tendências previsíveis em função das semelhanças e diferenças entre as gramáticas das línguas em contacto”⁸. Este fenómeno que resulta do contacto directo e profundo dos falantes com realidades linguísticas e culturais diferentes das de origem, provocam situações discursivas caricatas como as seguintes: “Ela não sabe se os *kids* arraivam *Saturday*. É mais *easy* que eles venham porque são *youngs*”.⁹

Porém este tipo de contactos directos entre línguas estará fora do âmbito do nosso estudo, até porque (salvo os casos de comunidades emigrantes ou de indivíduos que frequentemente se relacionam em países anglófonos) é uma realidade quase inexistente em Portugal, em especial no que se refere à língua inglesa.

A internacionalização de uma língua resulta fundamentalmente do protagonismo e da eficácia que esta adquiriu enquanto veículo de comunicação, informação e transmissão de cultura. Esta depende, naturalmente, do número de falantes, da sua dispersão geográfica, do seu passado histórico e cultural enquanto língua colonizadora e difusora, mas reflecte-se, sobretudo, na preponderância das relações políticas, económicas e comerciais veiculadas por essa mesma língua.

Deste modo, este tipo de contacto interlinguístico efectua-se predominantemente de forma indirecta, à distância e mediatizado por canais artificiais pois, neste caso, a influência de uma língua sobre outra, advém não da inter-relação directa dos falantes com ambas as línguas, mas sobretudo da interferência linguística motivada pelos interesses comerciais, pela divulgação e troca de informação nas diversas áreas do

⁸ FARIA, Isabel Hub *et al.* 1996:523

⁹ DIAS, E. 1989:82

conhecimento humano e pelas necessidades constantes do progresso tecnológico e científico entre países de línguas e culturas diversas.

Este intercâmbio linguístico e cultural a nível internacional é possível graças aos avanços e multiplicidade das formas de comunicação global que permitem que o contacto linguístico se efectue rapidamente, independentemente das fronteiras ou proximidade geográficas.

O inglês é hoje, inícios do século XXI, a língua de maior influência no mundo e esta realidade constata-se, não só pelo elevado número de falantes nativos e pelo crescente número de pessoas que a aprendem e utilizam como segunda ou terceira língua, mas, especialmente, porque as formas de estar e de sentir do mundo anglo-saxónico têm de igual forma, um grande número de seguidores.

Diversas circunstâncias extralinguísticas ajudam a explicar a expansão do inglês como língua internacional. Pode dizer-se que, actualmente, o inglês funciona como *língua franca*, não só nas relações de economia e política externas de cada país, mas também porque influencia os actos da vida quotidiana de múltiplos sectores da população mundial que, por razões várias, se vêem condicionados ao uso de uma língua, como veículo de comunicação internacional. O inglês é igualmente reconhecido como uma língua de prestígio social, carregada de costumes, valores e modos de vida característicos do mundo anglo-americano.

Do ponto de vista estritamente linguístico, como adiante se aprofundará, a língua inglesa possui características próprias que propiciam a fácil comunicação e rápida utilização pela maioria dos aprendizes. A tal facto não é alheia a constante promoção e divulgação mundial da língua e cultura inglesas, através da informática, televisão, cinema, música, moda, literatura, etc. Trata-se duma situação relativamente nova, que remonta aos anos sessenta, apesar de o período seguinte ao da Segunda Guerra Mundial ter aberto largamente a

via a esta evolução, cuja aceleração observamos. Vejamos apenas algumas ilustrações, em domínios diversos bem conhecidos que justificam o poder da língua de Shakespeare:

- múltiplos colóquios e congressos, científicos e técnicos, desde que internacionais, embora organizados em território português, são realizados exclusivamente em língua inglesa;
- a maioria dos materiais informáticos é quase exclusivamente destinada a ser divulgada em inglês e quando é adaptada ao português, torna-se, quase sempre, numa linguagem estreitamente tributária do inglês, ou seja, próxima das estruturas ortográficas e gramaticais do inglês;
- um número considerável de filmes e de videogramas (de origem norte-americana ou não) é falado em inglês;
- os jornalistas e agentes de imprensa manipulam diariamente informações internacionais que lhes chegam, na grande maioria dos casos, em inglês;
- um número considerável de comunicações científicas, técnicas, industriais, comerciais, internacionais, com todos os países do mundo, realiza-se em inglês;
- o número de instituições, empresas multinacionais, organismos e produtos vários, revistas gerais ou especializadas, que adoptam uma sigla inglesa ou anglicizada cresce de forma exponencial;

- os jovens portugueses dão preferência a canções e filmes de língua inglesa (de que aprendem fragmentos das letras de cor, ignorando, com frequência, o significado dessas palavras).

Há, no entanto, quem aponte as causas da influência anglo-americana baseando-se na própria natureza linguística da língua inglesa. Este argumento merece ser tido em consideração, pois inglês caracteriza-se (relativamente ao português) pela simplicidade da sua gramática, a sua concisão e facilidade designativa:

"The widespread use of English around the globe is often attributed to social prestige and the need for English in technological advancement, as well as to the simplicity of English inflections and the cosmopolitan character of its vocabulary. "

(CRISTAL D. 1998:79)

Por outro lado os anglicismos, como todos os factos linguísticos, propagam-se por um efeito de mimetismo. Os *media* desempenham um papel amplificador considerável. Basta que um termo inglês, ontem desconhecido dos portugueses, surja uma primeira vez, para logo ser retomado e propagado nas ondas de rádio e televisão e nas folhas do jornal (*day trade* ou *home banking* para designar respectivamente a compra e venda de acções no próprio dia e o uso de múltiplos serviços bancários via internet). Esta predominância do contacto da língua inglesa com outras línguas torna inevitável a sua interferência e/ou transferência linguística e mesmo cultural.

A língua portuguesa, como é óbvio e natural, estabeleceu ao longo da sua história contactos e influências com outros povos e civilizações. O léxico da nossa língua espelha precisamente essa maior ou menor inter-

relação linguística e cultural, consoante o número de vocábulos, expressões e conceitos importados ou adaptados de outras línguas. Como é obvio, a influência internacional do inglês na actualidade reflecte-se também na língua portuguesa, por um lado nas áreas de investigação científica e tecnológica onde se faz notar o protagonismo dos EUA e por outro pelo impacto cultural e ideológico veiculado pelos *mass media*.

A transferência lexical é, porém, um fenómeno natural e universal, uma vez que as inovações e as mudanças linguísticas fazem parte da natureza, evolução e renovação da própria língua.

“Una lengua que nunca cambiara sólo podría hablarse en un cementerio. La renovación de los idiomas es aneja al hecho de vivir sus hablantes, al anhelo natural de apropiarse de las novedades que el progreso material o espiritual va añadiendo a lo que ya se posee, y de arrumbar, por consiguiente, la parte inservible de lo poseído. Novedades, claro, que es preciso nombrar, manteniendo como solución frecuente los términos de origen. Muchas veces, no solo atraen los objetos materiales o espirituales nuevos, sino también palabras o formas de hablar ajenas, que se juzgan preferibles a las propias, por razones no siempre discernibles.

Pero ese movimiento, normal en todos los idiomas, no se produce sin resistencias que surgen entre los hablantes mismos, y que no son menos necesarias en el acontecer idiomático que los impulsos innovadores. Son fuerzas centrífugas, que tendrían efectos dispersadores si no actuaran otras de acción centrípeta que combaten la disolución.”

(RIQUELME J. 1998:23)

A interferência lexical resultante do contacto entre línguas é, neste sentido, um fenómeno complexo, multifacetado e envolto em contínuas polémicas e controvérsias que vão muito para além do estritamente

linguístico. As velhas discussões sobre a defesa do purismo da língua, a naturalização ou aclimatização dos estrangeirismos, a recepção/aceitação linguística e conceptual, são questões com implicações linguísticas, mas também dependentes de factores psicológicos e socioculturais.

Claramente, todos estes aspectos apresentam-se como preocupações e dificuldades tradutológicas, como veremos, nem sempre fáceis de resolver.

2 A Interferência Linguística

A interferência linguística será aqui encarada no seu sentido mais amplo, enquadrando todos os fenómenos que directa ou indirectamente são o resultado do contacto e, conseqüentemente, da interferência (no sentido restrito da palavra) entre duas ou mais línguas distintas.

Afastaremos desde já o conceito de contacto e interferência resultantes de situações de bi- ou de multilinguismo, na medida em que este contacto directo, que ocorre quando os falantes de duas ou mais línguas partilham um mesmo espaço geográfico e sociocultural, tal como o define Leonard Bloomfield¹⁰, não é particularmente visível em Portugal continental, pelo que concentraremos o objecto da nossa análise, na interferência indirecta, resultante das relações e contacto cultural, económico, político, etc, entre a língua inglesa e a portuguesa.

Estes contactos “à distância” desenvolveram-se especialmente devido à actual projecção e impacto comunicativo dos *mass media* que diariamente são responsáveis pela importação/transferência de termos e conceitos estrangeiros para a língua portuguesa. Os meios de comunicação exercem sobre o léxico uma acção difusora de grande importância, ao fazer chegar à língua corrente um grande número de palavras que de outra forma permaneceriam no âmbito reduzido das línguas de especialidade. Esta difusão é um dos factores mais importantes na renovação lexical.

O vocabulário é o campo que acusa mais rapidamente as mudanças e inovações linguísticas, como resultado da constante pressão da nossa civilização sobre a língua. Estas transformações cristalizam-se através de novas palavras, ou também em novos significados que enriquecem os significantes que existiam anteriormente na língua. As

¹⁰BLOOMFIELD, L. 1970:26-38

contínuas mudanças e inovações a que o conjunto léxico se vê obrigado para expressar fiel e claramente o mundo que nos rodeia, incluindo os seus avanços científicos e tecnológicos, obrigam a língua a transformações e inovações linguísticas constantes. As necessidades comunicativas e designativas globais impõem que na língua se operem formas de actualização conceptual:

- através da criação de um novo termo (neologismo formal);
- aplicando o novo conceito a uma forma autóctone já existente;
- mediante a adopção ou adaptação de uma forma estrangeira (empréstimo/estrangeirismo/decalque)

Será precisamente neste último processo que concentraremos a nossa análise, uma vez que o tradutor, enquanto mediador cultural e linguístico, terá um papel decisivo na eficaz adequação e incorporação de termos e conceitos estrangeiros (necessários, úteis e funcionais), sem que estes representem um empobrecimento linguístico ou uma barreira à comunicação e, por conseguinte, à própria tradução.

A adopção, enquanto aquisição, modificação ou substituição de um modelo linguístico estrangeiro, é um acto que tem determinações funcionais e comunicativas, mas também implicações culturais e/ou estéticas. Muitos dos estrangeirismos representam, efectivamente, inovações lexicais na língua receptora e que se utilizam devido a uma necessidade designativa, quer técnica, quer cultural, ou ao colmatar de uma lacuna conceptual geralmente relativa a áreas tecnológicas ou especializadas, restritas a um grupo particular de utilizadores. Por outro lado, um termo estrangeiro pode assumir também funções e conotações estilísticas e sociais diversas que dependem profundamente do modo como os falantes de uma comunidade recebem e utilizam os termos importados.

Se tomarmos como exemplo a área do desporto verificamos que a especificidade e particularidade de alguns termos importados justificam o seu uso. Embora alguns (senão todos) dos termos possam claramente ter equivalentes em português, os anglicismos utilizados foram já “consagrados” pelos falantes, pelo seu uso e frequência, independentemente de os mesmos conhecerem o significado real, original ou literal do termo importado. Deste modo o anglicismo, por vezes desnecessário, adquiriu um poder designativo quase insubstituível.

Para além de muitos termos relativos a desportos já enraizados (naturalizados pelo decalque linguístico) como futebol, basquetebol, andebol, hóquei, entre vários, e que são do conhecimento e uso geral, apontamos outros mais específicos e técnicos que, provavelmente serão apenas reconhecidos por praticantes ou acérrimos apreciadores da(s) modalidade(s):

approach – técnica usada no golfe e no ténis para descrever a abordagem à rede ou ao buraco respectivamente;

bobsleigh – desporto praticado na neve utilizando-se um trenó que percorre pequenos túneis a grande velocidade;

body-board – desporto praticado com o corpo (peito e abdómen) sobre uma prancha;

bowling – desporto que consiste em derrubar 10 pinos com uma bola pesada;

co-skipper – imediato numa prova de vela;

court – designa o campo ou área onde se praticam vários desportos;

crawl – estilo de natação, também com a designação de “estilo livre”;

derby – encontro desportivo entre equipas ou parceiros de renome ou rivais;

drible – técnica usada com a bola em vários desportos;

drive – termo usado no golfe para caracterizar uma pancada que se quer longa;

flat – termo utilizado no surf para dizer que o mar está calmo, sem ondas;

green – zona imediatamente circundante ao buraco, no golfe;

indoor/outdoor – designa uma área desportiva coberta ou o oposto, ao ar livre;

kick boxing – modalidade desportiva onde são aplicados golpes com os punhos e os pés;

knock out (K.O.) – termo utilizado em vários desportos de combate que caracteriza o estado de desgaste físico que impossibilita o atleta de prosseguir;

lob – técnica utilizada no ténis que consiste em fazer passar a bola sob o adversário;

slide – efeito de derrapagem de um automóvel de *rally* ao descrever uma curva fechada;

snowboard – desporto praticado na neve usando uma pequena prancha;

stockcar – automóvel de corrida cuja característica principal consiste no facto de os concorrentes poderem chocar entre si

tumbling – variante da ginástica desportiva em que se efectuam vários exercícios em corrida;

uppercut – golpe aplicado no boxe desferido de baixo para cima contra a cabeça do adversário;

Aqui as sugestões de equivalência linguística ou alternativa tradutológica serão certamente difíceis e discutíveis. Na verdade a grande maioria dos anglicismos aqui destacados referem-se a desportos ou modalidades com origens ou influências anglo-americanas.

Porém a aplicação e uso dos anglicismos ultrapassa o domínio das linguagens ditas técnicas, específicas ou científicas. Na verdade é comum os anglicismos, oriundos das mais diversas áreas, serem utilizados na língua corrente mantendo habitualmente as conotações ou sentidos metafóricos da língua de importação:

Black out – não prestar declarações;

Bluff – procedimento astuto que visa dissuadir alguém “mostrando” algo que realmente não se possui;

Break – pausa ou intervalo

Bull – caracteriza um crescimento ou rendimento muito positivo; estar em alta

Fair-play – atitude de desportivismo; respeito mútuo;

Manager – gerente financeiro ou desportivo; gestor; administrador;

Off the record – situação que se descreve ou comenta, mas que se quer manter sigilosa;

Outsider – algo ou alguém que, à partida, não é conhecido ou favorito;

Timing – tempo adequado ou correcto à realização de uma acção qualquer,

Warm-up – aquecimento; preparação;

Vejamos, por exemplo a aplicação do anglicismo *fair-play* em diversos contextos:

"O jogador demonstrou uma grande falta de *fair-play* ao pontapear a bola contra o adversário, depois de este o ter empurrado." *in Jornal A Bola*

"...no mundo da bolsa raramente há *fair-play*, cada um tenta prejudicar o seu possível concorrente." *in Revista Visão*

"O casal deve mostrar um forte *fair-play* nos sentimentos para que a relação seja duradoura..." *in Revista Nova Gente*

O uso do anglicismo parece, nestes exemplos, não constituir qualquer entrave à comunicação, até porque o contexto situacional auxilia a sua compreensão. Também é verdade que nos referimos a um termo/conceito comumente utilizado e (relativamente) aceite pela generalidade dos falantes. O mesmo já não poderemos dizer de *off the record* ou *bull*, termos oriundos da linguagem jornalística e da economia, respectivamente, e que para um falante "menos conhecedor", podem rigorosamente nada significar ou mesmo dificultar a comunicação.

Em qualquer dos casos, quando o tradutor depara com estes termos/conceitos na língua de partida (o inglês), a manutenção do termo *fair-play* na língua de chegada (o português) como opção tradutológica, pode não criar dificuldades de compreensão e/ou aceitação linguística ao receptor. Porém, no caso do uso de *off the record* ou *bull*, o próprio tradutor pode ser ele mesmo o agente da incomunicabilidade. Neste caso consideramos, a presença do anglicismo, uma interferência lesiva do ponto de vista do acto tradutológico.

Consideram-se, assim, interferências todos os desvios à norma da(s) língua(s) em questão resultantes da introdução de elementos estranhos, ou estrangeiros, essencialmente no campo lexical, mas também em domínios mais estruturados da linguagem, tal como o

sistema fonémico, a morfologia e a sintaxe, obrigando a uma reorganização dos padrões linguísticos.

"(...) every enrichment or impoverishment of a system involves necessarily the reorganization of all the old distinctive oppositions of the system. To admit that a given element is simply added to the system which receives it without consequences for this system would ruin the very concept of system."

(WEINREICH, U. 1970:1)

Seria simplificar, reduzir este fenómeno a situações de puro empréstimo ou de acréscimo lexical, já que o sistema linguístico possui complexos mecanismos de adequação e integração, necessários ao funcionamento eficaz e eficiente da língua, quer a nível conceptual, quer formal. Todavia, a transferência lexical será, sem dúvida, a forma mais visível de contacto e interferência entre línguas e que, sendo o resultado da importação ou transposição linguísticas e/ou culturais entre línguas distintas, se assume, claramente, como um processo inequívoco de tradução.

Neste ponto, torna-se indispensável a distinção entre a interferência enquanto fenómeno linguístico resultante do contacto (directo ou indirecto) entre línguas e o fenómeno de transferência como procedimento tradutológico.

O primeiro é uma consequência de diversos factores externos (políticos, económicos, sociais, culturais, psicológicos), com repercussões de adaptação, integração e reestruturação linguísticas inevitáveis, dentro de um contexto diacrónico e sincrónico da língua. O segundo será fundamentalmente o resultado de uma decisão por parte do tradutor, tendo em conta os inevitáveis pressupostos de equivalência, (in)traduzibilidade linguística, cultural ou conceptual, (in)fidelidade ao original, perda ou ganho lexical e/ou de sentido, entre outros.

Não obstante esta delimitação processual, consideramos que o conhecimento dos factores estruturais da interferência e integração linguística é indispensável ao tradutor, enquanto promotor responsável pelo uso correcto da língua. Esta necessidade de simultâneo rigor linguístico e tradutológico aquando da transferência linguística impõe-se radicalmente, já que, tal como afirma Garcia Yebra, são, recorrentemente, os próprios tradutores os principais responsáveis pela importação desnecessária e adaptação ou incorporação incorrecta de termos e conceitos estrangeiros:

“En el bilingüismo de los traductores se producen efectos análogos a los que se dan en el contacto ínter lingüístico de poblaciones enteras: cuanto más débil sea el conocimiento o el dominio de la lengua propia, tanto más frecuentes serán en la traducción las interferencias de la lengua extraña. Estas interferencias son calcos innecesarios o incorrectos, contrarios a la norma o a la costumbre de la lengua a que se traduce...”

(GARCIA YEBRA 1984:359)

2.1 Factores Extralinguísticos de Interferência

Nem todas as potenciais formas de interferência acabam por se materializar. O seu efeito concreto no discurso de um indivíduo varia de acordo com muitos outros factores, muitos dos quais se podem designar de extralinguísticos, uma vez que se enraízam fora das diferenças das línguas ou das suas inadequações lexicais.

A análise dos fenómenos de interferência deverá ter em consideração a própria situação de contacto entre as línguas em estudo. Aí, desempenham um papel de extrema relevância os factores extralinguísticos, incluindo difusão, persistência e morte de um fenómeno de interferência particular. O contacto entre as línguas e, por conseguinte, os fenómenos de interferência devem ser analisados num cenário psicológico e sociocultural vasto. Para isso é, contudo, necessário um tratamento mais exacto das condições em que uma influência (de uma língua para outra) se torna possível e os seus modos de funcionamento. Isso envolve referência a dados não disponibilizados pelas descrições linguísticas e exige o uso de técnicas extralinguísticas. O contacto entre as línguas assume uma maior importância e validade num contexto multidisciplinar.

Alguns antropólogos¹¹ parecem estar cada vez mais conscientes da estruturação dos elementos culturais como uma força que afecta a sua transferência, e nesse ponto eles procuram o auxílio dos linguistas. Mais especificamente, os antropólogos que investigam o fenómeno da aculturação são levados a incluir as evidências linguísticas como indícios de um processo de aculturação:

“...é o contexto social, não a estrutura das línguas envolvidas que determina a direcção e o grau de interferência. O

Turco influenciou o Grego na Ásia Menor porque eram os Gregos que estavam sobre pressão cultural e (por isso) foram os Gregos que se tornaram bilingues. O grego não poderia ter influenciado o Turco estruturalmente (...) independentemente do número de estruturas do Grego que teriam favorecido tal interferência...”

(FARIA, Isabel Hub *et al.* 1996:517)

Por seu lado, os linguistas precisam da ajuda do antropólogo, do sociólogo, do psicólogo, entre outros, para descrever e analisar os factores que regem a interferência linguística e que, estando para além da estrutura das línguas em contacto, recaem no reino da cultura.

Na interferência linguística, o fenómeno de maior interesse é constituído pelo jogo estabelecido entre factores estruturais e não-estruturais, factores esses que promovem ou impedem tal(-is) interferência(s):

- os factores estruturais derivam da organização de formas linguísticas num sistema definido, diferente para cada língua e até certo ponto independentes da experiência e comportamento não-linguísticos;
- os factores não-estruturais derivam do contacto do sistema com o mundo exterior, do grau de familiaridade dos indivíduos com o sistema e do valor simbólico que o sistema enquanto um todo é capaz de adquirir e as emoções que pode evocar.

¹¹ Cf. THOMASON, S. G. e KAUFMAN. 1988. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press

De entre os factores não-estruturais, alguns são inerentes à relação que o falante (e também o tradutor) estabelece com as línguas que ele coloca em contacto, por exemplo:

- facilidade de expressão verbal e capacidade em manter as duas (ou mais) línguas separadas (modo de aprendizagem de cada uma das línguas);
- proficiência relativa em cada uma das línguas;
- especialização no uso de cada língua por domínios e/ou áreas de aplicação;
- atitude perante cada língua, quer idiossincrática, quer estereotipada (prestígio, valor social);
- dimensão do grupo utilizador, sua homo- ou heterogeneidade sociocultural e respectivas relações políticas e sociais (níveis de língua);
- tolerância ou intolerância face à mistura de línguas e ao discurso incorrecto em cada uma das línguas (atitudes puristas).

A maior ou menor receptividade às importações linguísticas depende, também, de factores tão diversos como: a proximidade geográfica, a dependência política ou económica, a projecção internacional dos termos importados, a atitude governamental face à política de defesa ou protecção linguística, o grau de familiaridade linguística, a frequência e a popularidade das formas importadas, etc.

Dentro deste contexto Weinreich aponta ainda outros factores que funcionam como determinantes sociais e culturais na importação linguística:

"Even though words can be borrowed quite freely in many contact situations, it is clear they don't travel like specks of cosmic dust, by themselves, pushed by unknown forces. Rather, we can generally determine why particular groups of words are borrowed, in other words, what the social and cultural determinants of borrowing are. These are some of the possible reasons why words may be borrowed:

- 1- through cultural influence ;
- 2- rare native words are lost and replaced by foreign words;
- 3- two native words sound so much alike that replacing one by a foreign word may represent a distinction in meaning;
- 4- there is a constant need for synonyms of affective words that have lost their expressive force;
- 5- through borrowing, new semantic distinctions may become possible;
- 6- a word may be taken from a low-status language and used pejoratively;
- 7- a word may be introduced almost unconsciously, through intensive bilingualism."

(WEINREICH 1970:46)

Outros factores sociológicos e psicológicos como a idade, o sexo, a profissão, o grupo social, o meio (áreas urbanas ou rurais), entre outros, condicionam o maior ou menor uso de estrangeirismo no discurso do falante. Embora não haja dados concretos, nem estudos efectuados que provem o contrário, parece haver uma especial apetência pelos jovens em enquadrar termos de origem anglosaxónica na sua gíria

quotidiana, resultando como uma forma de demarcação linguística e social do “mundo dos adultos”.

Por outro lado, os especialistas em determinadas áreas do conhecimento que mantêm uma estreita relação com a língua inglesa (informática, economia, tecnologias de ponta) e que, por força das circunstâncias, se vêem forçados a utilizá-la nas suas profissões, encaram o uso de palavras e termos estrangeiros como formas mais rápidas e eficazes de comunicação, transpondo-os muitas vezes para a linguagem do dia a dia.

Por isso, os problemas de mudança linguística não podem ser vistos unicamente segundo o ponto de vista do código, mas também do meio onde o falante vive e do fim com que este utiliza a língua. Não obstante o carácter social e cultural da língua, cada indivíduo utiliza-a de acordo com as suas necessidades e experiências, seleccionando do repertório lexical as formas linguísticas particulares do ambiente social, cultural e até regional onde se insere:

“Os fatos sociais não são extra individuais, mas interindividuais, e a língua como fato social é também, interindividual. Cada língua, como elemento de comunicação social ou interindividual, tem seu léxico que, através de associações ou campos associativos, concretiza uma maneira peculiar de ver o mundo. Esse léxico é constituído de palavras que não são signos isolados, mas elementos no interior de um sistema e como tal sujeitos a uma escala de valores.”

(CARVALHO 1989:27)

De um modo geral, o contacto ou interferência interlinguística dependerá sempre do tipo de relações extralinguísticas, consoante haja uma maior ou menor dependência económica, cultural ou social entre as línguas em causa:

"(...) the employment of Portuguese emigrants in the whaler business from the middle to the end of the 19th century which, thanks to the necessity of verbal communication and interaction, led to an extensive integration of Anglo-American expressions for objects and working instructions into Portuguese language spoken on Madeira and in the Azores. When the whaling industry lost its importance, a great deal of the loan vocabulary disappeared as well, but the language contact was continued on American soil in industrial and agricultural fields of work. At that time, the standard variety of the Portuguese language was only occasionally influenced by English words."

(VIERECK, Wolfgang e Bald, Wolf-Dietrich 1986:26)

O contínuo progresso tecnológico, científico, económico e comercial protagonizado pelos Estados Unidos tem influenciado fortemente não só as terminologias e áreas de especialidade, mas, de uma forma igualmente marcante, a língua corrente dos diversos falantes em todo o mundo. A língua portuguesa não é excepção e a interferência de termos, conceitos e realidades do mundo anglo-saxónico, faz-se notar em esferas tão diversas como a informática, a economia, o *marketing* e a publicidade, o sistema bancário, a ecologia, a política, o desporto...

A proliferação de anglicismos é um fenómeno praticamente incontroável que surge, fundamentalmente, da imperiosa necessidade de comunicar, interagir, acompanhando o progresso e evolução da era moderna. A luta contra os estrangeirismos, muitas vezes considerados como elementos corruptores da harmonia e do equilíbrio da língua, é uma velha questão que advém já da época clássica. Nos nossos dias a expansão do uso de anglicismos tornou-se algo incontroável, já que não deriva directamente de uma vontade de inovação linguística dos falantes, mas sobretudo da necessidade de designar conceitos, termos,

técnicas e objectos que surgem como inovações e criações em muitíssimas áreas das novas tecnologias, oriundas do progresso e desenvolvimento norte-americano.

Existem, inevitavelmente, vários países que encetaram medidas proteccionistas na defesa da identidade cultural e linguística, aparentemente ameaçada pela onda de anglicismos. Esta atitude purista é defendida com algum rigor em países como a França ou a Espanha, que adoptaram leis de preservação das suas línguas nacionais. Há de facto uma preocupação latente na eliminação dos anglicismos considerados desnecessários ou corruptores da língua, através de esforços notórios de equivalência, ou naturalização linguística.

Vejamos alguns exemplos de naturalização (quer através da adaptação fonética e ortográfica, quer recorrendo a decalques ou traduções literais) dos anglicismos na língua espanhola comparativamente ao português:

Português	Espanhol
Bacon	Beicon
Basquetebol	Baloncesto
Bungalow	Bungaló
Cocktail	Cóctel
Meeting	Mitin
Slogan	Eslogan
Smoking	Esmoquin
Stress	Estrés
Flash	Flas

Porém, resta saber se do ponto de vista tradutológico, a aclimatização dos anglicismos ou a sua integração no sistema da língua receptora, permitem uma melhor compreensão conceptual dos mesmos.

A análise dos comportamentos linguísticos na sociedade actual evidencia a dualidade entre tendências aparentemente contraditórias:

- por um lado, uma tendência para a unificação e subsequente utilização de uma língua de comunicação única em determinados usos formais. Neste sentido, a língua inglesa tem vindo a assumir o papel de língua de comunicação internacional, sendo a principal responsável pela expressão técnica e científica;
- por outro lado, são cada vez mais os países que reivindicam o uso da sua própria língua em qualquer domínio da comunicação e, por conseguinte, defendem o plurilinguismo internacional baseado na compreensão das línguas vivas e na utilização de recursos tecnológicos avançados que ajudam a intercompreensão, sem necessidade de renunciar a uma língua em favor de outra.

A este respeito Miquel Siguan no seu livro *A Europa das Línguas* faz precisamente esta reflexão sobre a necessidade de encontrar uma língua de comunicação internacional e o preservar da particularidade e identidade linguística e cultural dos povos:

"A difusão do inglês causa em muitos europeus uma sensação de dependência face à cultura americana e de ameaça às suas tradições nacionais. Deste modo, os europeus de hoje vêem-se perante uma situação difícil. Por um lado, sabemos que o inglês se está a tornar na língua de comunicação internacional e que é inútil tentar ignorá-lo. Por outro lado, negamo-nos a admitir o inglês como meio de comunicação obrigatório nas nossas relações mútuas. O dilema só tem uma saída: negar que o papel de língua de comunicação seja apenas atribuído a uma só língua.(...) O facto

de a Europa ser um conjunto de países cada um com uma ou várias línguas não pode significar o sacrifício desta variedade a favor de uma língua determinada, mas sim, pelo contrário, o assegurar da continuidade desta variedade.”

(SIGUAN, M. 1996:253)

Esta dualidade atinge igualmente o domínio da terminologia:

- por um lado, deparamos com o registo duma língua, especializada pela sua temática, que permite reduzir ao mínimo a subjectividade e requer uma forte internacionalização. Esta característica, que funciona como vector uniformizador dos vocabulários de especialidade, tem por objectivo reforçar e consolidar uma comunicação precisa e eficaz em certas áreas profissionais;
- por outro lado, os termos técnicos estão recorrentemente conotados com raízes culturais e geográficas, reflectindo uma determinada visão do mundo e são, afinal, a expressão genuína da cultura de um povo. Esta característica funciona como vector diversificador da terminologia, respeitadora da identidade cultural e social dos países importadores de tecnologia.

Behaviourismo¹² (teoria comportamental, no âmbito da psicologia), *factoring*¹³ (prestação de serviços financeiros dados pela própria empresa, na gíria da economia), Taylorismo¹⁴ (termo que deriva de Taylor, criador da organização científica do trabalho), são termos

^{12, 13, 14} Cf. PARREIRA, Manuela e PINTO, J. Manuel de Castro 1990. *Prontuário Ortográfico Moderno*. Porto: Edições ASA, p.307-308

importados (e também naturalizados pela sufixação de palavras em português) que mantêm nos seus radicais as origens culturais e linguísticas de onde foram importados: *behaviour*, *factory*, *Taylor*. Possivelmente, poder-se-iam encontrar ou criar equivalentes no português, mas o uso e a marca de origem consagraram estas designações.

As condições de acolhimento dos anglicismos, por parte da população portuguesa, podem ser comparadas a um mercado económico onde se encontram uma procura e uma oferta, uma maior ou menor adequação de acordo com os usos e necessidades dos falantes.

É evidente que, num país como Portugal, o considerável contributo que os elementos estrangeiros dão à nossa língua, não se deve a contingências sociais (como imperialismo, colonialismo, etc.) ou à necessidade duma língua estrangeira como passagem obrigatória da promoção social. A experiência demonstra que esta influência não prosseguiria se não assentasse numa adesão voluntária duma grande parte da população portuguesa.

Isto é rigorosamente verdade para os anglicismos, de onde sobressai o sucesso dos termos monossilábicos. A quantidade significativa de monossílabos adoptados pelos portugueses demonstra como muitos dos nossos concidadãos atribuem aos anglicismos um papel muito particular para a renovação do nosso fundo lexical, quer na sua função designativa: *bar*, *bit*, *bluff*, *bull* (mercado em alta), *bus*, *cross*, *fan(atic)*, *flat* (surf), *grill*, *hall*, *in*, *kilt*, *kit*, *lob* (ténis), *pop*, *pub*, *raid*, *rap*, *script*, *slip soul*, *spot* (publicitário), *spray*, *stock*, *web*, *zip*; quer também estilística ou social: *boss*, *break*, *cash*, *cool*, *cup*, *gang*, *hit*, *in*, *look*, *must*, *off*, *out*, *show*, *snob*, *staff*.

Pode-se mesmo dizer, que neste momento, os portugueses utilizam o léxico inglês como um reservatório virtualmente inesgotável de neologismos capaz de assegurar as nossas necessidades de

revivificação do vocabulário contemporâneo, introduzindo-lhe novas cambiantes denotativas ou conotativas.

Se se considerarem os anglicismos sob este ângulo, e tendo em conta o facto de que muitos deles são, desde a sua introdução, adaptados semanticamente no sentido de se adequarem às necessidades de comunicação dos utilizadores portugueses, o recurso contínuo ao reservatório constituído pelo léxico duma língua estrangeira, pode ser considerado como um sinal não de decadência, mas de grande vitalidade.

Importa é realçar que nos fenómenos de transferência por recurso a estrangeirismos, não é a língua fonte que impõe os seus termos à língua receptora, mas sim a língua receptora que se apropria dos elementos estrangeiros e desta forma enriquece o seu próprio léxico. Quer isto dizer que os estrangeirismos constituem um processo, entre outros, de diversificação dos meios de expressão linguística.

“Será preocupante o número de anglicismos que nos inunda o português? A defesa da língua não passará pela defesa da criação de mais objectos, de mais conceitos, de mais ideias fabricadas nos países lusófonos? A defesa da língua deverá passar pela defesa da cultura, da investigação, da inovação, do desenvolvimento, da criação filosófica e artística, pela produção de mais riqueza. O proteccionismo não levará muito longe se não tivermos em mente que a língua é sempre suporte de alguma coisa. Quando se importa um objecto, importa-se também a palavra que o designa. A língua morrerá se os seus falantes apenas morrerem pelo amor absurdo dela própria ou de si próprios.”

(VILELA 1995:32)

Todas as línguas conhecidas sempre se desenvolveram por contacto com outras línguas das quais retiraram, mais ou menos

abundantemente, termos, contornos, elementos de estrutura diversa. No entanto, não existe nenhuma evidência que permita afirmar que o estrangeirismo é benéfico ou nefasto para as línguas, e muito menos a uma determinada língua num determinado contexto histórico.

Os anglicismos no português assumem, na realidade, múltiplas formas e desempenham, de acordo com os níveis de língua, funções diferentes. Na língua corrente, os anglicismos (retomados inconscientemente por uma parte importante da população) devem o seu principal atractivo ao facto de introduzirem monossemia na designação de objectos ou conceitos conotados como "modernos". A denominação estrangeira aumenta o carácter mágico dessa valorização particular ligada aos factos técnicos (*brushing, stress, face-lifting, press release, piercing, scone, shaker*) ou sociais (*country club, dandy, drink, expert, coffee-shop, baby-sitter, gay, manager, business, cocktail, hobby, health club, high society, gentleman, meeting, office, planning, press release, shopping, sportswear, steak-house*) que a inovação veicula.

A camada da população mais jovem recorre abundantemente aos anglicismos para exprimir atitudes sociais e/ou denominar objectos pelos quais se interessa mais que a população adulta. Estes anglicismos são utilizados não só pelo seu valor intrínseco, como também pelo seu valor emblemático, apesar de existirem termos autóctones equivalentes.

O mundo da música que tanto apaixona os jovens de hoje está repleto de termos ingleses habitualmente importados da realidade norte-americana, onde a divulgação dos diferentes tipos de música se faz rapidamente, influenciando o mercado discográfico mundial. Para além dos géneros musicais mais conhecidos como a música *pop* (*popular*), *rock, jazz, rhythm and blues, reggae, country, soul, rap*, surgem outros como: *heavy metal, grind, death metal, grunge, acid, techno, punk, underground, bubble gum*, etc. A sua especificidade cultural e o seu carácter internacional, assumem-se dentro de uma linguagem particular que se enquadra nas formas de estar e de sentir das gerações mais

novas. Para além disso, o uso (essencialmente no discurso oral) de muitos termos e expressões inglesas, contribui grandemente para a sofisticação, modernização e socialização tão importantes nestas gerações:

<i>Boss</i> - aquele que manda / decide
<i>Bye-bye</i> – adeus
<i>Cool</i> – divertido, porreiro, fixe
<i>DJ (disc-jockey)</i> – indivíduo responsável pela escolha ou selecção musical
<i>Fashion</i> – andar na moda
<i>Feeling</i> – sensação/ pressentimento
<i>Flirt</i> – relação amorosa superficial
<i>Gay</i> – homossexual
<i>Happy hour</i> – período de oferta de bebidas ao balcão, também conhecido por “bar aberto”
<i>In</i> – socialmente aceite; na moda
<i>Ladies night</i> – noite dedicada às mulheres em que estas têm entrada gratuita (ou a baixo preço) em bares e discotecas
<i>Look</i> – aparência física
<i>Must</i> – algo indispensável ou obrigatório
<i>Nice</i> – expressão de agrado, boa disposição ou optimismo
<i>Off</i> – desenquadrado ou desactualizado numa dada área; fora de moda
<i>Party</i> – evento de convívio social
<i>Pressing</i> – pressão, angústia
<i>Rave</i> – concerto de música caracterizado por manifestações de euforia e descontrolo
<i>Sexy</i> – pessoa ou objecto sexualmente atraente ou insinuante
<i>Shot</i> – bebida alcoólica; dose de heroína
<i>Shopping</i> – centro comercial

<i>Show</i> - espectáculo
<i>Show-off</i> - exibicionismo
<i>Skinheads</i> – grupo de jovens com ideologia racista ou neo-nazi
<i>Snob</i> – pessoa pretensiosa que se afirma (socialmente) superior aos que o rodeiam, ignorando-os
<i>Speedar</i> – praticar algo a grande velocidade
<i>Stress</i> – sensação de cansaço, preocupação ou enervamento
<i>Take away</i> – refeição a consumir fora do local onde é comprada
<i>Teenager</i> – pessoa inexperiente, imatura ou muito jovem
<i>Vip</i> - designa pessoas ou meio de destaque, socialmente importantes

Estes exemplos demonstram claramente que uma tradução (pelo menos ao nível conceptual) é possível, mas inevitavelmente toda a carga conotativa e simbólica presente no anglicismo desaparece. Aliás o anglicismo na sua função social e estilística consiste precisamente no afastamento da linguagem corrente do quotidiano dos falantes, de tal forma que diversos termos importados adquirem sentidos e descrevem realidades diferentes das de origem. †

No entanto, a camada populacional técnico-científica utiliza os anglicismos, mais por necessidade que por gosto. Estão habituados desde há muito a utilizar termos técnicos de origem estrangeira para designar conceitos previamente definidos (termos gregos e latinos, especialmente), pelo que aceitam os termos ingleses com o mesmo à vontade que aceitam qualquer outro significante de valor puramente simbólico. Mais do que os outros elementos da população o técnico, especialista ou investigador aprecia o valor da monossemia dentro da sua área disciplinar específica, pela necessidade de rigor terminológico e monorreferencial. O termo estrangeiro acaba, assim, por representar também uma garantia de precisão no seu uso sem ambiguidades.

Novamente, uma tentativa de tradução ou equivalência tornar-se-ia difícil até porque o termo técnico seria descaracterizado e perderia a sua

economicidade e a capacidade de ser reconhecido por aqueles que habitual e frequentemente o utilizam e que, portanto, não sentem necessidade da sua tradução.

Vejamos os seguintes exemplos¹⁵:

drawback – reembolso dos direitos alfandegários pagos sobre matérias primas que serviram para fabricar produtos que voltam a ser exportados;

palmtop – computador portátil da dimensão de uma mão;

big close up – termo usado na gíria cinematográfica para designar a filmagem do rosto do actor, ou de um plano muito grande;

drift – termo utilizado em geologia para o depósito de trítico resultante da sedimentação de matérias rochosas, que os cursos de água arrastam após o degelo;

fixing – câmbio médio do escudo em relação às moedas de outros países fixado dia a dia pelo Banco de Portugal.

Estes argumentos reforçam a ideia de que, em inúmeros registos de língua, os termos estrangeiros mais ou menos naturalizados/integrados em campos lexicais da língua receptora, e, por assim dizer, desligados do seu próprio sistema de origem, fornecem um apoio suplementar aos recursos próprios da língua portuguesa para renovar o seu fundo lexical.

Sejam quais forem os efeitos (benéficos ou nefastos) que a língua portuguesa possa retirar do seu contacto com outras línguas, os eventuais benefícios representam menos o resultado duma procura interna do sistema linguístico português e dos seus utilizadores, que o resultado duma oferta no mercado linguístico.

¹⁵ Definições recolhidas no Dicionário Universal da Língua Portuguesa 1999 5ª edição Texto Editora

Neste momento, o português, tal como muitas outras línguas, recorre especialmente ao reservatório que lhe é constantemente apresentado pelo léxico inglês. Os termos anglo-americanos assemelham-se a produtos expostos numa prateleira de supermercado, enquanto outros termos, originários de outras línguas, como o sueco ou o chinês, não são oferecidos aos clientes. Sem dúvida que existem outros termos, de outras línguas, que também surgem nos expositores, de longe a longe (*glasnost*, *perestroika*, *sauna*), mas o número e o recurso a esses termos são quase nulos por comparação com os termos ingleses que se encontram permanentemente em promoção (para não dizer em saldo) no supermercado linguístico.

A inadequação de um vocabulário nacional em designar novas realidades, a moda, ou sofisticação, não é a única causa para o uso incondicional dos anglicismos. A frequência com que os termos surgem na língua e são utilizados quotidianamente, determinam grandemente o uso do anglicismo ou da sua substituição por um termo nacional (ou ainda a manutenção de ambos). Os termos mais frequentes são mais facilmente lembrados e, por conseguinte, mais estáveis; os termos relativamente menos frequentes são, assim, menos estáveis, mais sujeitos a esquecimento e substituição:

Maior frequência	Menor frequência
<i>Cameraman</i>	Operador de câmara
Horário nobre	<i>Prime time</i>
Calças de ganga	<i>Jeans</i>
<i>Password</i>	Palavra passe /senha
<i>Performance</i>	Desempenho / rendimento
Pastilha elástica	<i>Chewing-gum</i>
<i>Desktop</i>	Ambiente de trabalho
Namorico / paixoneta	<i>flirt</i>
<i>Part-time</i>	Tempo (ocupação) parcial
<i>feedback</i>	retorno

Este quadro¹⁶ pretende ilustrar que o uso ou preferência do anglicismo perante um equivalente na língua de acolhimento, depende grandemente da eficácia e economia linguística do termo, mas também da maior ou menor frequência (devido certamente a factores sociológicos e psicológicos) com que o termo é usado na língua.

Sem dúvida, que o anglicismo breve coloca menos problemas à memória e à pronúncia. A sua aceitação não se deve apenas à pressão da língua anglo-saxónica, mas à sua eficácia mnemónica e pragmática.

A facilidade de pronúncia, a economia, o encadeamento pouco habitual de fonemas são características que favorecem a integração de mono e dissílabos, mesmo nas línguas de especialidade, fazendo-nos aumentar a crença de que a concisão morfológica, a simplicidade gramatical e a abundância de monossílabos na língua inglesa, favorecem a difusão dos anglicismos.

Uma comparação entre as línguas em contacto pode levar a que o falante sinta que alguns campos semânticos se encontram insuficientemente diferenciados na sua língua materna, daí a associação da sua língua com a língua fonte. Por outro lado, se uma língua se reveste de prestígio, é natural que o falante a utilize pelo seu estatuto, pelos valores sociais subjacentes para obtenção de efeitos pejorativos, cacofónicos, cómicos, etc, tanto positivos:

gay > termo eufemístico para homossexual

gentleman > pessoa respeitável,

expert > perito/especialista,

sexy > física e/ou sexualmente atraente ou insinuante

VIP (very important person) – pessoa da alta sociedade

boss – o que manda, o chefe

¹⁶ A confrontação da frequência dos vocábulos resulta de uma reflexão e análise pessoais e particulares, portanto sem qualquer referência quantitativa provada.

como negativos:

Barbie > mulher superficial, banal

freak > pessoa com comportamento anormal/louco

playboy > pessoa (v. -o) /

teenager > pessoa jovem ou adulta inexperiente, irresponsável

workaholic > viciado/dependente do trabalho

hacker > pirata informático

2.2 Factores Estruturais de Interferência

Ao se passar duma língua estrangeira para a portuguesa, os termos importados, por intermédio de interferências múltiplas, estão sujeitos a uma profunda adaptação, efectuada pelos utilizadores da língua, em dois planos diferentes, mas complementares entre si:

1. plano morfossintáctico ou gramatical
2. plano semântico ou lexical.

Este processo de adaptação conduzirá a determinados resultados em função de dois tipos de parâmetros, diferentes, mas também complementares entre si:

- estrutura das línguas que estabelecem contacto
- condições sociolinguísticas do contacto e da interferência.

Uma teoria estruturalista da comunicação que distinga entre discurso e língua (*"parole et langue"*, mensagem e código, processo e sistema, comportamento e norma), assume, necessariamente, que cada acontecimento do discurso pertence a uma língua definida. Apenas partindo deste pressuposto, é possível conceber um acto de discurso que contenha alguns elementos pertencentes a uma outra língua, diferente da dos restantes elementos. Tanto o emissor, como o receptor sabem distinguir a que língua pertence um discurso, considerado na sua globalidade, o que permite a separação e classificação de alguns dos seus elementos como estrangeirismos, ou melhor, como interferências num determinado sistema, tido como padrão. É claro que em alguns casos certos termos já enraizados na língua são difíceis de distinguir ou mesmo de detectar a sua origem estrangeira: clube (*club*), chuto (*shoot*),

golo (*goal*), *hit*, líder (*leader*), *manager*, *marketing*, *mister*, pénalti (*penalty*), *performance*, pop, recorde (*record*), sandes, *self-service*, *snob*, *sporting*, *suspense*, etc.

O tipo de interferência mais comum nas línguas em contacto, não envolve, porém, uma transferência pura e simples dos elementos. O fenómeno de interferência pode afectar, igualmente, expressão e conteúdo, e pode ser analisado, com maior eficácia, em termos estruturais se se partir do princípio de que as unidades básicas da expressão e do conteúdo - os fonemas e os semantemas - foram definidos no interior de cada língua pela oposição com outros fonemas ou semantemas dessa língua. Por exemplo uma letra ou um grupo de letras assume em línguas diferentes valores fonémicos diferentes, contudo, em determinadas produções discursivas é possível identificar tais valores como iguais: a semelhança física acaba por induzir o falante a produzir discursos em que esses fonemas são passíveis de identificação interlinguística.

As identificações interlinguísticas podem ocorrer, também entre relações gramaticais, como a ordem das palavras. Por exemplo, em inglês o adjectivo é colocado antes do substantivo, enquanto que em português tanto pode ser colocado antes como depois do substantivo: contudo, enquanto na língua inglesa se trata de uma ordenação obrigatória, com uma função denotativa, a colocação do adjectivo antes do substantivo em português desempenha uma função mais estilística.

Para podermos avaliar o impacto que uma língua tem noutra através da análise do discurso dos utilizadores, é necessário medir e comparar as quantidades e níveis de influência nos diferentes domínios atingidos, assentando, portanto, numa base descritiva. Pode-se, assim, avaliar a direcção da interferência (A não tem qualquer influência na fonémica de B, mas atinge o seu vocabulário; B Influenciou o vocabulário e parte da gramática de A), descrever as várias formas que pode assumir e quantificar a sua frequência.

"In speech interference is like sand carved by a stream; in language it is sedimented sand deposited on the bottom of a lake."

(WEINREICH, U. 1970:11)

Os dois níveis da interferência devem ser distinguidos. No discurso, ela ocorre pela primeira vez no enunciado do falante como resultado do seu conhecimento pessoal, específico, de outra língua, ou de um seu domínio em particular. Na língua, encontram-se fenómenos de interferência que, tendo ocorrido com frequência no discurso dos indivíduos, se tornaram habituais e estabelecidos. Quando um indivíduo da língua X utiliza uma forma de origem estrangeira, não como um recurso pontual retirado da língua Y, mas porque ouviu essa forma em discursos produzidos por outros indivíduos também de língua X, esse elemento importado pode ser considerado, do ponto de vista descritivo, como um elemento integrante da língua X.

Esta distinção teórica é necessária se se pretende compreender o que o contacto entre as línguas significa para um indivíduo que experiencia esse contacto. O que, à partida, se pode julgar como sendo um efeito da interferência de outra língua, pode na realidade não o ser para o utilizador comum da língua. O "consumidor" de bens importados não tem a mesma consciência da sua origem como o importador, o investigador ou o próprio tradutor. As perguntas que o linguista pode colocar sobre a fase do discurso de interferência serão, por conseguinte, diferentes das perguntas que colocará sobre o próprio sistema. No discurso, os factores de percepção da outra língua e a motivação do estrangeirismo são importantes; na língua, é a integração fónica, gramatical e semântica dos elementos estrangeiros que se revela de maior importância.

Os métodos para estudar a interferência não são, portanto, os mesmos para os dois níveis. A análise dos elementos importados já estabelecidos na língua é mais simples, porque estes podem ser levantados/recolhidos através de inquéritos repetidos feitos a um informante ou através da análise de textos escritos ou falados.

A observação da interferência no acto do discurso é muito mais precária. Uma vez que é melhor observada na conversa entre dois informantes, o observador depara com uma dificuldade peculiar: por um lado, ele quer que os falantes falem tão livremente quanto possível; no entanto, e por outro lado, ele pode interrompê-los quando quiser no sentido de obter esclarecimentos sobre uso e motivação, o que irá sem dúvida perturbar a imparcialidade das suas produções discursivas.

Neste contexto, concentraremos o nosso estudo na análise da interferência no âmbito da língua enquanto sistema e em especial nas formas de adaptação e incorporação dos anglicismos.

2.3 Tipos de Interferência

O fenómeno da interferência pode ocorrer em diversos domínios do sistema da língua receptora, embora seja claramente a importação lexical, a forma mais recorrente. As estruturas gramaticais e estruturais da língua são mais difíceis de sofrerem influências de línguas externas já que estas estruturas-base são precisamente a espinha dorsal do sistema língua e portanto mais adversas a interferências de estruturas estrangeiras.

Ao invés, as áreas vocabulares são mais receptivas às influências estrangeiras ou aos neologismos.

“There is no doubt that lexical borrowing is less restricted (...) than phonic or grammatical interference. The vocabulary of a language, considerably more loosely structured than its phonemics and its grammar, is beyond question the domain of borrowing par excellence.”

(WEINREICH 1970:56)

2.3.1 Interferência Fónica e Ortográfica

As adaptações fonéticas resultam da dificuldade de o falante reconhecer e reproduzir os sons da língua estrangeira, de tal forma que estes são reinterpretados e adaptados ortográfica e foneticamente de acordo com as normas do sistema da língua de chegada. O grau de acomodação fonética e gráfica varia consoante as características do empréstimo, do nível social dos falantes e da sua maior ou menor consciência do estrangeirismo.

Porém, recorrentemente os termos importados mantêm as suas características exógenas e permanecem imutáveis mesmo em situações de conflitualidade ortográfica e fonética do sistema linguístico português. Designam-se *xenismos*¹⁷ as palavras ou expressões que permanecem na forma original, apesar de poderem constituir dificuldades na expressão escrita ou oral. Temos como exemplos: *aquaplaning, background, business, brainstorming, bulldozer, caterpillar, design, hovercraft, ketchup, know-how, meeting, off the record, pacemaker, skate, stress, unplugged, etc.*

A partir de uma breve análise contrastiva entre a língua portuguesa e inglesa, podemos criar uma lista das formas de interferência fonémica e grafémica esperadas numa situação de contacto e/ou interferência linguística:

Por exemplo os grafemas /k/, /w/ e /y/ não fazem parte do sistema alfabético português pelo que a língua portuguesa prefere as seguintes alternativas:

- para o /k/ ou /ck/ utiliza-se /qu/ e /c/

ex.: jockey – joquei

- para o /w/ utiliza-se /v/ e /u/

ex.: wagon – vagão; sandwish – sanduíche

- para o /y/ usa-se /ei/ e /i/

ex.: poney – pónei; yacht – iate; New York – Nova Iorque

Também nos topónimos e antropónimos estrangeiros verificamos que a (não-)adaptação ortográfica à língua portuguesa depende grandemente da importância histórica, económica ou cultural que os vocábulos adquirem: Kentucky, Washington, Dallas, Cardiff, Manchester, Darwin(ismo), Shakespeare, Byron(iano), mas Filadélfia, Edimburgo, Guilherme Tell, Henrique VIII, etc. Em regra, os termos referentes a

¹⁷ Cf. CARVALHO, Nelly. 1989 *Empréstimos Linguísticos*. Editora Ática

nomes de pessoas ou a designações geográficas não se traduzem, mantendo o seu matiz cultural, excepto se houver uma tradução ou equivalente consagrado. A este respeito Newmark¹⁸, Baker¹⁹ e Torre²⁰ apontam várias orientações metodológicas no âmbito da (in)traduzibilidade, transferência ou adaptação dos topónimos antropónimos e referentes culturais, aspectos que analisaremos no capítulo 4.

Porém, por razões que ultrapassam o âmbito do nosso estudo não há uma relação directa e sistemática na adaptação ou “naturalização” fonográfica de termos ou noções importados, pelo que muitos dos termos permanecem inalteráveis no contacto linguístico e outros sofrem profundas mutações. Deste modo, apesar de muitos vocábulos serem ajustados à fonémica e ortografia da língua portuguesa, nem sempre isso possibilitará uma melhor interpretação e assimilação por parte do receptor ou falante, até porque muitos termos são usados na sua forma original e são igualmente compreendidos e aceites na língua de chegada:

Importação Directa	Naturalização da Importação
Green (golfe)	Bife (de <i>beef</i>)
Hall	Dólar (de <i>Dollar</i>)
Shift	Champô (de <i>shampoo</i>)
Cool	Futebol (de <i>football</i>)
Meeting	Líder (de <i>leader</i>)
Talk-show	Pulóver (de <i>pull-over</i>)
Body-board	Recorde (de <i>record</i>)
Western	Uísque (de <i>whisky</i>)
Shaker	Xelim (de <i>shilling</i>)

¹⁸ Cf. NEWMARK, Peter. 1988:70-83

¹⁹ Cf. BAKER, Mona. 1992:17-42

²⁰ Cf. TORRE, Esteban. 1994:89-119

Estes exemplos mostram que, de facto, a importação lexical não depende das imposições ortográficas ou fonéticas do sistema linguístico português, para que um termo seja utilizado quotidianamente.

Não parece também existir em Portugal um “controlo” rigoroso por parte das instituições normativas e terminológicas, embora, como já vimos, a importação, a adaptação ou o decalque linguísticos dependam em grande medida de factores externos às medidas ou decisões tomadas por terminólogos, lexicógrafos ou normativistas.

Do ponto de vista tradutológico, não nos parece sintomático que a adaptação fonológica e ortográfica de um termo estrangeiro contribua grandemente para a sua compreensão, quer lexical, quer conceptual. Para um falante que desconheça o sentido do vocábulo *scanner*, não será pela adaptação a “*escaner*” (à semelhança do espanhol e do português do Brasil) ou “*scanere*” que o termo será mais inteligível. A mediatização recorrente dos anglicismos em jornais, revistas, rádio, televisão, publicidade, etc e a crescente aprendizagem e interesse pela língua e cultura inglesas contribuirão decisivamente para uma identificação, reconhecimento e uso do termo importado na sua forma original.

Por outro lado a manutenção da grafia contribui para que o anglicismo seja encarado como tal, isto é, assume na língua receptora um carácter autónomo e distinto, facilmente reconhecido pelo falante.

Infelizmente a identificação da forma / significante de um termo estrangeiro, geralmente não contribui para que o seu sentido ou carga conotativa seja decodificado pelo falante.

Na verdade, a adaptação ortográfica resulta não de uma necessidade de compreensão do conceito, mas sim de uma adaptabilidade do mesmo à pronúncia e fonética da língua portuguesa, processo este que mais tarde é transposto da oralidade para a escrita. Todo este percurso de adaptação linguística efectua-se à margem da

Intervenção dos normativistas, linguistas em geral e obviamente dos tradutores.

Contudo, esta perspectiva não implica que os estudiosos da língua permaneçam meros espectadores, impotentes perante as inevitáveis influências estrangeiras e inevitabilidades da evolução linguística. O tradutor, enquanto privilegiado conhecedor das particularidades culturais e linguísticas que distinguem duas (ou mais) línguas, e habituado às problemáticas dificuldades de reconstrução de sentido e equivalência comunicativa, deverá, certamente, ter um papel activo no apontar de soluções, estratégias e alternativas no seio da língua materna.

2.3.2 Interferência Morfológica e Gramatical

É um ponto assente que os planos gramatical e sintáctico sustentam a organização e a coesão do sistema da língua e que, deste modo, estão menos sujeitos às influências e interferências das formas estruturais complexas de outro sistema linguístico.

Todavia, os morfemas e as relações gramaticais pertencentes a uma língua podem ocorrer no discurso de outra língua como "empréstimos". O que leva o indivíduo a estabelecer equivalência interlinguística de morfemas ou de categorias gramaticais é a sua similitude formal ou similitude em funções pré-existentes. O abandono de distinções obrigatórias é o tipo de interferência gramatical que resulta no desaparecimento de categorias gramaticais. Por exemplo, imagine-se uma aula de português para estrangeiros em que os alunos ingleses não conseguem distinguir os géneros; ou inversamente, que género se deve atribuir em português aos anglicismos.

Quando duas línguas diferentes se encontram em contacto directo ou indirecto (e restringindo-nos ao terreno da língua escrita), geralmente ocorre que estas duas línguas não têm o mesmo inventário de morfemas ou formas morfológicas, nem as mesmas regras de ortografia. Assim, quando uma palavra é tomada como empréstimo por outra língua, esta é recorrentemente adaptada ao sistema morfológico e ortográfico da língua que a recebe, adquirindo os morfemas, as desinências, o género, o caso (nas línguas cuja gramática o exige), a forma ortográfica e até mesmo nalguns casos, as características prosódicas da língua receptora. Todas estas transformações permitem (em certa medida) a integração total ou parcial de um termo importado, no sistema gramatical da língua. No caso de duas línguas como o português e o inglês, torna-se evidente que

existe uma série de diferenças gramaticais e morfológicas muito notórias entre ambas. Vejamos alguns exemplos.

No que diz respeito aos substantivos: o português é uma língua marcada pelo género, ao contrário do inglês, de tal forma que qualquer substantivo que seja importado do inglês deverá assumir explicitamente um dos géneros gramaticais existentes na língua portuguesa.

Na maioria dos casos em que os nomes ingleses são adaptados à língua portuguesa, o género masculino distingue-se (de uma forma geral) do feminino através dos morfemas /o/ e /a/ respectivamente: *adicto/a* (*addicted*), *golo* (*goal*), *aeróbica* (*aerobics*), *naifa*²¹ (*knife*).

A marca do género reconhece-se facilmente através da concordância do substantivo com o artigo ou o adjectivo correspondente, algo inexistente na língua inglesa:

The Internet > *A Internet*

The fantastic slot machine > *a slot machine* fantástica

A face-lift > *um face-lift*

A colourful t-shirt > *uma t-shirt* colorida

The hooligan > *o/a hooligan*

The golf player > *o/a golfista*

The foreign leader > *o/a líder estrangeiro/a*

Também a formação dos plurais dos substantivos em inglês difere, em grande medida, do português, daí a dificuldade de adaptação de muitas formas importadas dada as diferentes regras de aplicação do morfema do plural.

Na adaptação e uso dos substantivos importados e dos anglicismos em geral, parece prevalecer o emprego do masculino, assim como a regra geral da formação dos plurais em português, ou seja acrescentando o morfema /s/. Observemos o quadro comparativo:

²¹ do calão

Forma do vocábulo inglês no singular	Forma do vocábulo inglês no plural	Forma importada / adaptada no singular	Forma importada / adaptada no plural
Airbag	Airbags	Airbag	Airbags
Bar	Bars	Bar	Bares
Beef	Beef	Bife	Bifes
Body	Bodies	Body	Bodies
Clip	Clips	Clip	Clips
Club	Clubs	Clube	Clubes
Cocktail	Cocktails	Cocktail	Cocktails
Flash	Flashes	Flash	Flashes
Hobby	Hobbies	Hobbie	Hobbies
Goal	Goals	Golo	Golos
Leader	Leaders	Líder	Líderes
Penalty	Penalties	Penalty	Penaltis
Poster	Posters	Poster	Posters
Shampoo	Shampoos	Champô	Champôs
Workshop	Workshops	Workshop	Workshops

Ainda outros exemplos:

o(s) *doping(s)*

o(s) *eye liner(s)*

o(s) *site(s)*

o(s) *cockpit(s)*

o(s) *thriller(s)*

o(s) *recorde(s)*

o(s) *e-mail(s)*

Algumas formas permanecem invariáveis: *background, back-up, best of, best-seller, briefing, casting, close-up, doping, jazz, making of, play-off, remake, test-drive, zapping*.²²

A adaptação morfológica dos anglicismos pode efectuar-se com o recurso a diversos sufixos:

-ismo para designar nomes abstractos (dandismo, caravanismo, snobismo);

-eiro, -ista, -ístico, -iano e -ino para denominar um agente ou um membro de um grupo (roqueiro, tenista, cartunista, darwinista, futebolístico, Byroniano, Nova-Iorquino);

-inho como diminutivo (drinquezinho, uisquinho)

Os verbos focar (*to focus*), boicotar (*to boycott*), chutar (*to shoot*), driblar (*to dribble*), dopar (*to dope*), liderar (*to lead*), implementar (*to implement*), clicar (*to click*), entre outros, são exemplos de interferência morfológica ao nível verbal onde podemos verificar que, na sua maioria, os verbos importados do inglês são integrados na primeira conjugação terminada em -ar.

Existem ainda, ao nível das construções morfossintácticas diversos exemplos de interferência das estruturas da língua inglesa que vão desde o uso excessivo dos pronomes / determinantes possessivos (obrigatórios no inglês), o abuso da estrutura sintáctica da voz passiva, a inversão da ordem das palavras no que se refere à adjectivação (Rádio Clube das Beiras, Automóvel Clube de Portugal, Futebol Clube do Porto), a inversão da ordem na formação de palavras compostas (Cine-club; auto-stop; cash-flow; disco-pub; snack-bar; auto-radio; videogravador; foto-finish), o uso do caso possessivo inglês (Antonio's, Augustu's) incompreensível no português, etc.

²² Os exemplos apontados foram retirados de entre várias edições do semanário *Expresso* entre Fevereiro e Outubro de 2000.

Muitas destas influências ao nível morfológico e gramatical devem-se sobretudo ao carácter internacional e popular dos termos e formas inglesas, divulgadas pelos diversos meios de comunicação, mas por outro lado, revelam o desconhecimento dos falantes, e por vezes dos próprios tradutores, das funções morfossintáticas que essas formas têm na língua de origem.

2.3.3 Interferência Semântica

O utilizador comum da língua recorre aos estrangeirismos pouco ou nada consciente do seu significado original, do contexto a que se refere e as outras acepções que tem dentro do sistema da língua de onde foram importados. O termo, por si só, não tem capacidade para veicular qualquer tipo de informação: é o seu utilizador que lhe confere significado num acto de comunicação. O termo oferece ao utilizador um quadro formal de conceptualização que ele adapta às suas necessidades de interacção linguística.

A polissemia é uma característica constante dos termos em todas as línguas: basta folhear um pequeno dicionário para constatar as diferentes acepções de um mesmo signo cuidadosamente reportoriadas sob rubricas diferentes. Ao abordarmos este fenómeno pretendemos chamar a atenção para o facto de que muitos dos anglicismos que penetram na língua portuguesa são, na sua língua de origem, tão polissémicos quanto a maioria dos termos portugueses de uso corrente.

Nesse sentido, convém distinguir entre significação e designação²³:

- designação: realidade/conceito (objecto, ideia, etc.) que o termo veicula num determinado contexto;
- significação: valor conceptual constante do termo, que relaciona todas as suas diferentes designações; não deve ser confundida com significado epistemológico ou significado primeiro.

²³ Cf. DUCROT, Oswald 1973. *Dicionário das Ciências da Linguagem* Lisboa: Publicações Dom Quixote

Na integração semântica, quando um estrangeirismo transita de um sistema linguístico para outro, dois casos distintos são passíveis de ocorrer:

- importação duma forma monossémica. Trata-se de uma situação rara, que acontece sobretudo quando o termo é ele próprio um neologismo na sua língua de origem. O neologismo pode ser um neologismo de forma e/ou de conteúdo semântico (laser, nylon, polyester, ...);
- importação duma forma de língua corrente. Trata-se, portanto, de um termo sujeito a polissemia, que pode abarcar um conjunto de conceitos diferentes. Na maioria dos casos, a introdução do significado do anglicismo no léxico português consiste na introdução apenas de uma designação (uma acepção) desse termo com o seu significante: um *gang*, em português, significa exclusivamente uma associação de malfeitores, enquanto que o termo inglês originador do estrangeirismo, designa indiferentemente "um conjunto, um grupo de pessoas ou objectos" ("a gang of friends"). Esteban Torre aponta outro exemplo igualmente esclarecedor:

«En la práctica, cuando un traductor inserta en el texto de la LT un segmento de la LO, no se da casi nunca una transferencia absoluta. El segmento transferido no conserva exactamente el mismo significado que tenía en la LO. Un sencillo ejemplo es la transferencia de la palabra inglesa *square* al francés. En la LO inglesa, entre las múltiples acepciones de *square* - "cuadrar, ajustar, cuadrángulo, exacto, exactitud, integridad" – figura la de plaza. Pero en la LT francesa sólo cuenta esta última acepción, y

además no se refiere a una plaza cualquiera, sino única y exclusivamente a un jardinillo o “plazoleta ajardinada” (...)»²⁴

(TORRE E.1994:90)

A redução da polissemia do signo importado a um dos seus conteúdos tem a ver com as condições do estrangeirismo: o importador não quer importar apenas a designação por si só, pois conteúdo e expressão formam unidade indissolúvel. As consequências linguísticas ligadas a esta forma de apropriação do signo são múltiplas. A mais evidente é sem dúvida a redução do leque de usos dum signo estrangeiro a um único (excepcionalmente muitos, na eventualidade de ocorrerem empréstimos sucessivos ou paralelos do mesmo termo em usos/domínios diferentes).

Uma segunda consequência é a redução de significação do termo importado ao passar-se de uma língua para outra. O problema é que a significação governa e delimita os usos reais, prováveis e virtuais do signo aplicados a referentes do mundo extralinguístico (de forma mais inconsciente que consciente pelo utilizador da língua). Vejamos alguns exemplos:

Anglicismo em português	Outros sentidos em inglês ²⁵
<i>Approach</i> - técnica utilizada no ténis	aproximação; acesso; confronto; marcha de aproximação; introdução; abordagem
<i>Body</i> - peça de roupa interior feminina	corpo, organismo; tronco, parte principal; consistência; peça de vestuário; associação; força militar; substância;
<i>Hit</i> - sucesso musical	pancada, golpe; êxito; sorte; observação irónica, sarcástica ou de censura; acerto, impacto no alvo;

²⁴ LO – língua de origem

LT – língua de tradução

²⁵ Definições retiradas do Dicionário Electrónico Profissional (CD-ROM) de Inglês Português da Porto Editora Multimedia

<i>Green</i> – zona que envolve o buraco no golfe	verde; que ainda não está maduro; verdasco; inexperiente, novato, com pouco conhecimento das coisas; zona relvada que envolve o buraco no golfe
<i>Look</i> – aparência física e/ou social	olhar, olhadela; expressão, aspecto, ar, aparência; bom aspecto pessoal, boa aparência;
<i>Out</i> – desenquadrada com a situação ou desactualizado	fora, de fora, lá fora; fora de casa, ausente; apagado, extinto; esgotado, acabado; roto, rasgado, coçado, gasto; posto de parte, que já não ocupa o cargo que ocupava; destituído; publicado, aparecido; divulgado, descoberto; abertamente, francamente, sem rodeios; completamente, nitidamente; confuso, perplexo, equivocado; fora do seu juízo; exterior; distante; fora do vulgar;
<i>Open</i> – acontecimento desportivo (ténis, golfe)	aberto; descerrado; sem barreiras, sem vedação ou obstáculos; vasto, amplo; descoberto; claro, evidente, conhecido de todos, notório; patente, manifesto; público, acessível a todos; em aberto, em suspenso, por resolver; franco, sincero, sem disfarce; liberal; sereno, sem nuvens; encontro desportivo
<i>Stress</i> – sensação de pressão ou comportamento agitado	pressão, dificuldade; importância, ênfase, realce; acento tónico; carga, tensão, esforço;

Podemos claramente verificar que os anglicismos utilizados mantêm um dos sentidos da língua de origem. Mas perderam a sua plurissignificação quando descontextualizados do sistema língua de onde provieram.

Mesmo os usos mais metafóricos e, aparentemente, mais afastados daquilo que a lexicologia designa por significado primeiro são

tributários dessa coesão semântica do signo. Deve insistir-se no facto de a significação do signo, por oposição com as suas diferentes facetas na designação de conceitos e objectos do universo extralinguístico, existe apenas pelo facto de o signo integrar um sistema, um conjunto estruturado. A estrutura deste conjunto (a nível semântico e a outros níveis) não é um simples reflexo do universo designado, antes obedece a princípios próprios de estruturação. Resulta, tal como Saussure²⁶ e outros demonstraram, que o valor e a função de uma peça, forma, depende do sistema que integra.

Ao passar-se de um sistema lexical para outro, o termo importado perde uma parte da sua opacidade virtual: qualquer ambiguidade virtual devida à polissemia é eliminada, qualquer interpretação conotada por um valor subjectivo da língua é excluída. Por outras palavras, o termo importado acaba por se tornar um neologismo formal no seio da língua de chegada. O termo *boys* (da expressão *jobs for the boys*) foi introduzido na língua portuguesa (e noutras aliás, trata-se de um internacionalismo) para designar uma especificidade, um conceito que as palavras “clientelismo”, “favoritismo político-partidário” e “cunha” não parecem resolver. Esta nova forma estrangeira (*jobs for the*) *boys* acaba por ter um papel designativo particular e monossémico, que a sua eventual tradução —(empregos/lugares para os) rapazes, camaradas, miúdos - certamente não teria.

Este é o mérito dos termos monossémicos e é a razão pela qual os homens de ciência gostam de criar neologismos (por vezes transcrevendo estrangeirismos) monossémicos e os preferem aos termos de língua corrente, que transportam com eles a ambiguidade e o imaginário induzidos pela significação sociocultural e afectiva dos termos.

Mas, ao mesmo tempo, e de forma irreductível, a redução da significação e da polissemia, introduzem uma opacidade de outra

²⁶ Cf. SAUSSURE, Ferdinand. 1992

ordem. A coexistência, num mesmo signo, do conteúdo e expressão, permite, com efeito, apreender uma parte do querer-dizer dum signo, mesmo na ignorância daquilo que ele designa num uso determinado. Para o utilizador comum da língua o termo disco, no contexto da mecânica e da informática, não se revela opaco: por analogia com outros conceitos designados por esse mesmo termo (disco de lançamento, disco de música, ...), ele sabe que se trata de um "objecto de forma redonda e achatada" - designação genérica. A sua familiaridade com a língua ensinou-lhe que a marca "redondo e achatado" se dissocia da marca "reprodução de som" ou da marca "que gira a uma determinada velocidade num aparelho que o lê". Ele sabe que apenas a marca relativa à forma é susceptível de transferência dum uso para outro na designação. Ou seja, ele conhece pragmaticamente o valor constante do termo, a sua significação, e pelo menos, um dos seus usos, uma das suas designações.

Isolado do seu ambiente linguístico, truncado da maior parte da sua polissemia, o anglicismo torna-se para o sujeito enunciator da língua de acolhimento uma simples denominação estreitamente associada ao conceito ou ao objecto importado em simultâneo com o próprio termo.

"A palavra estrangeira é, no período inicial de acolhida, monossêmica e referencial. Mas transformações de natureza semântica são observadas no processo de transferência. O aspecto semântico está ligado às dificuldades de tradução.

Quando se traduz algo (ou se faz um empréstimo linguístico) transfere-se algo de um sistema lingüístico e cultural para outro, onde nem todos os traços coincidem. (...) nessa transferência, perde-se ou modifica-se muito do significado: *bom jour*/ *good morning* não se recobrem nos seus traços de uso significativos; *belle.mère* / *mother-in-law* / sogra são modos diferentes de conceber um mesmo referente."

(CARVALHO, N.1989:50-51)

As noções e conceitos linguísticos variam de uma língua para outra consoante a realidade e contexto social, político, tecnológico e cultural em que se enquadram. A transferência semântica é especialmente recorrente quando não há uma equivalência cultural ou referencial na língua receptora, mas também ocorre quando há uma lacuna conceptual numa área específica.

Assim, os processos de transferência semântica efectuam-se essencialmente de duas formas:

- Importação lexical - consiste na transferência directa do significante na sua forma de origem, veiculando um conceito monossémico, geralmente de difícil tradução ou sem um equivalente na língua de chegada igualmente eficaz e económico. Exemplos: *airbag*, *after-shave*, *best seller*, *black out*, *blazer*, *body-building*, *briefing*, *brunch*, *cash-flow*, *check-up*, *close-up*, *dancing-club*, *design*, *dumping*, *fast food*, *jackpot*, *jogging*, *know-how*, *leasing*, *lobby*, *marketing*, *off the record*, *pacemaker*, *self-service*, *sexy*, *show-business*, *slogan*, *spray*, *stand*, *stress*, *stripper*, *talk-show*, *thriller*, *timing*, *top-less*, *zoom*.
- Decalque semântico – representa um esforço de tradução mais ou menos literal, de forma a reproduzir o significado ou dos termos ou do conceito global do estrangeirismo. Exemplos: *beauty queen* > rainha da beleza; *round-table* > mesa redonda; *honeymoon* > lua de mel; *high-fi* > alta fidelidade; *high-society* > alta sociedade; *body-guard* > guarda costas; *Do-it-yourself* > faça você mesmo; *sky-craper* > arranha-céus; *corn-flakes* > flocos de milho; *milk-shake* > batido (de leite); *fifty-fifty* > cinquenta cinquenta ; *money*

talks > o dinheiro fala; *He's a true gentleman* > É um verdadeiro cavalheiro; *take it or leave it* > é pegar ou largar.

Embora o empréstimo semântico seja uma transferência de significado, conjuntamente com o sentido da palavra ou expressão, é frequentemente importado o seu significante, já que a economia lexical e precisão designativa do anglicismo permitem uma maior integração do signo relativamente à sua eventual tradução ou equivalência conceptual.

Obviamente que no processo de transferência há transformações, ganhos e perdas linguísticas de tal forma que nem todos os traços conceptuais do estrangeirismo são mantidos. De facto, recorrentemente certos termos ou conceitos importados resultam numa recodificação semântica, que apesar de poderem ser aparentemente substituídos por equivalentes da língua receptora, adquiriram novos matizes e conotações, quer por razões estilísticas e de sofisticação, quer por motivações sociais e culturais:

Termo importado	Tradução equivalente	Outras conotações adquiridas
<i>approach</i>	abordagem	Técnica usada no golfe e no ténis; aproximação amorosa
<i>baby-sitter</i>	ama	Usa-se pelo carácter social mais sofisticado
<i>background</i>	suporte, plano de fundo, antecedente	Base ou historial académico ou empírico de um indivíduo
<i>barbie</i>	boneca	Mulher superficial, ingénua
<i>barman</i>	empregado de bar	Usa-se pelo carácter social mais elevado
<i>bluff</i>	ilusão / jogo psicológico enganador	Usa-se por estilo e sofisticação
<i>boss</i>	patrão	O que manda em tudo e assume o controlo dos que o rodeiam
<i>boy</i>	rapaz	Usado na política para designar elementos afectos ao sistema

<i>cocktail</i>	mistura alcoólica de bebidas	Usa-se pelo estilo, sofisticação; também designa evento social
<i>feeling</i>	sentimento	Pressentimento, premonição
<i>gay</i>	homossexual	Usado eufemisticamente e socialmente mais aceite
<i>handicap</i>	deficiência	Dificuldade, desvantagem
<i>healthclub</i>	ginásio ou instituição dedicada aos cuidados com o corpo	Usa-se pelo estilo, sofisticação e estatuto social
<i>hit</i>	sucesso	Usa-se pelo estilo e sofisticação
<i>in</i>	na moda	Usa-se pelo estilo e sofisticação
<i>lady</i>	senhora	Mulher da alta sociedade
<i>look</i>	aparência	Usa-se pelo estilo e sofisticação
<i>manager</i>	gerente, director	Gestor desportivo ou treinador
<i>meeting</i>	encontro, reunião	Usa-se pelo estilo e sofisticação
<i>performance</i>	desempenho	Usado estilisticamente para designar os rendimentos e motorizações de um veículo motorizado
<i>shot</i>	tiro	Bebida pequena, mas com grande concentração alcoólica
<i>speed</i>	velocidade	Droga ou bebida de efeitos rápidos
<i>teenager</i>	adolescente	Indivíduo inexperiente e imaturo

Nestes exemplos verificamos que o anglicismo é utilizado pelo seu carácter distintivo, assumindo também conotações próximas ou relacionadas com o original, mas usado em contextos situacionais diferentes.

Algumas vezes esta mudança semântica é causada pelo que Agenor Soares dos Santos denomina por “cognatos de sentido diferente”²⁷ em inglês e português. A semelhança formal ou de significante entre ambas as línguas, leva o falante e, frequentemente, o

²⁷ Cf. SANTOS, A.S. 1995

tradutor a confundir o sentido do termo de origem estrangeira com o da língua nativa. Este fenómeno de interferência semântica é também conhecido por “falsos cognatos”, do inglês “*false friends*” ou do francês “*faux amies*”, na medida em que facilmente induzem em erro o tradutor desatento:

“The translator must be careful not to assume that because the words in the two languages look alike they have the same meaning. In the development of languages, the meanings will change. Some or all of the semantic features of the source language word may be lost. They may retain one special feature or may change meaning completely.”

(LARSON 1984:183)

Estas palavras têm frequentemente a mesma origem (do latim) e aparecem em diferentes línguas com ortografia semelhante, mas que ao longo dos tempos acabaram por adquirir significados diferentes. No caso das palavras com sentido múltiplo, esta não-equivalência pode ocorrer em apenas alguns sentidos da palavra. Longe de ser exaustiva, esta lista de *falsos amigos* serve apenas para exemplificar o problema com ocorrências comuns e frequentes. Vejamos alguns exemplos:

Termo em inglês	<i>Falso amigo</i> em Português	Tradução correcta no português
Actually	Actualmente	Na verdade ; o facto é que profundo conhecedor pauta/programa do dia prever; aguardar inscrição, registro, uso hora marcada, compromisso gratidão, reconhecimento discussão informal; debate ajudar, dar apoio presumir, aceitar como certo assistir, participar plateia, público sacada, varanda
Adept	Adepto	
Agenda	Agenda	
Anticipate	Antecipar	
Application	Aplicação	
Appointment	Apontamento	
Appreciation	Apreciação	
Argument	Argumento,	
Assist	Assistir	
Assume	Assumir	
Attend	Atender	
Audience	Audiência	
Balcony	Balcão	

Beef	Bife	carne de vaca
Cafeteria	Cafeteira	refeitório tipo universitário
Carton	Cartão	caixa de papelão, pacote
Cigar	Cigarro	charuto
College	Colégio	faculdade, universidade
Competition	Competição	concorrência
Comprehensive	Compreensivo	abrangente, amplo, extenso
Compromise	Compromisso	entrar em acordo
Contest	Contexto	concurso
Costume	Costume	fantasia (roupa)
Data	Data	dados, números, informações
Design	Designar	projectar, criar; projecto, estilo
Editor	Editor	redactor
Educated	Educado	instruído
Enrol	Enrolar	inscrever-se, alistar-se
Eventually	Eventualmente	finalmente
Exciting	Excitante	empolgante
Exit	Êxito	saída, sair
Expert	Esperto	especialista, perito
Fabric	Fábrica	tecido
Graduate program	Curso de graduação	Curso de pós-graduação
Grip	Gripe	agarrar firme
Idiom	Idioma	expressão idiomática
Intend	Entender	pretender, ter intenção
Journal	Jornal	periódico, revista especializada
Large	Largo	grande, espaçoso
Lecture	Leitura	palestra, aula
Legend	Legenda	lenda
Library	Livraria	biblioteca
Lunch	Lanche	almoço
Mayor	Maior	prefeito
Notice	Notícia	notar, aperceber-se; aviso
Novel	Novela	romance
Office	Oficial	escritório
Parents	Parentes	pais
Particular	Particular	específico
Pasta	Pasta	massa (alimento)
Policy	Polícia	política (directrizes)
Prejudice	Prejuízo	preconceito
Prescribe	Prescrever	receitar
Preservative	Preservativo	conservante
Pretend	Pretender	fingir
Private	Privado	particular
Procure	Procurar	conseguir, adquirir
Pull	Pular	puxar
Push	Puxar	empurrar
Realize	Realizar	dar-se conta, aperceber-se de
Record	Recordar	gravar, disco, gravação, registo
Resume	Resumir	retomar, reiniciar
Retired	Retirado	aposentado

Stranger	Estrangeiro	desconhecido
Stupid	Estúpido	ignorante
Tax	Taxa	imposto
Trainer	Treinador	preparador físico
Turn	Turno	vez, volta, curva, virar, girar

Estes exemplos mostram claramente que um tradutor “apressado” ou “comodista” pode facilmente ser enganado pela semelhança formal que existe entre os termos de ambas as línguas. É claro que em muitas situações existe uma real correspondência semântica entre termos formalmente semelhantes (*abstract, banana, fragile, important, intelligent, magnetic*). Mas analisemos, por exemplo a palavra “*content*” nos contextos seguintes:

- He was *content* his family was together.
- The *content* of the box was unexpected.
- What he received wasn't enough to *content* him.

A polissemia do termo “*content*” e as suas diferentes funções gramaticais, obrigariam o tradutor a analisar o contexto da frase e a escolher adequadamente a sua tradução (contente/ feliz; conteúdo; contentar/satisfazer, respectivamente), mas só no primeiro caso a semelhança formal poderia auxiliar o tradutor. Na sua essência, provavelmente a forma mais eficaz de ultrapassar estas dificuldades seria, como diz Newmark, recorrer a ajuda externa:

«(...) the translator will usually find as many cognates with the same meanings in SL and TL as those with different meanings, and he must not hesitate to use the appropriate TL cognate. However, he must never translate any word he has not previously seen without checking it, and this is where cognates are deceptive. *Elégant* virtually covers the semantic range of “elegant”, but *inélegant* ranges from “inelegant” through “discourteous” to

“dishonest”. (Supermarkets warn against *clients inélegants* who do not show the content of their *cabas*.)»

(NEWMARK P. 1988:170)

O problema da interferência semântica dos estrangeirismos na tradução coloca-se a um nível semelhante, uma vez que o tradutor pode ser induzido a manter na língua de chegada um termo estrangeiro que é comumente usado pelos falantes dessa língua. Observemos os seguintes exemplos²⁸:

- a) Behind the curtains they had a *blackout* to protect them from the sun.
- b) The scene ended with a *blackout* over the stage.
- c) The players will be in *blackout* after last night's dreadful game.
- d) The patient was so weak, he had a sudden *blackout*.
- e) She had a *blackout* during the exam, though she'd studied.
- f) The interruption of electric power caused a long *blackout* in the city.

Porém, o tradutor, ao deparar com estas frases, facilmente se aperceberia da plurissignificação do vocábulo *blackout*, até pelo seu contexto frásico. Ao consultar o dicionário²⁹ confirmaria os seguintes significados para o termo *blackout*:

- a) tecido opaco e espesso usado para impedir a penetração dos raios solares;
- b) um efeito de iluminotecnica que consiste na escuridão súbita em palco.
- c) recusa em dar informações ou a prestar declarações aos órgãos de comunicação social ou outros;

²⁸ da nossa autoria

²⁹ The Oxford English Dictionary. 1998 Second Edition Vol. II Oxford: Clarendon Press; Dicionário Electrónico Profissional (CD-ROM) de Inglês/ Português. Porto Editora Multimedia

- d) perda de sentidos, desmaio;
- e) perda de memória, esgotamento; ficar bloqueado mentalmente ou “ter uma branca”;
- f) escuridão total devido a falha de energia;

As dificuldades surgem quando nos apercebemos que em alguns casos não existe um equivalente directo no português, já que se tratam de termos ou conceitos específicos ou mesmo técnicos. A opção de manter inalterável o termo *blackout*³⁰ (como estrangeirismo) na tradução³¹ das frases tornar-se-ia, provavelmente incompreensível para o receptor da mensagem, desconhecedor da língua inglesa:

- a) Atrás das cortinas tinham um *blackout* para as proteger do sol.
- b) A cena terminou com um *blackout* sobre o palco.
- c) Os jogadores estarão em *blackout* após o terrível jogo de ontem à noite.
- d) O paciente estava tão fraco que teve um súbito *blackout*.
- e) Ela teve um *blackout* durante o exame, embora tivesse estudado.
- a) O corte da energia eléctrica causou um longo *blackout* na cidade.

Provavelmente só na frase c) seria o falante comum capaz de reconhecer o termo em causa, por este ser frequente na gíria jornalística e desportiva, conotando-o como a ausência de prestação de informações ou entrevistas à imprensa ou aos *media*.

Relativamente aos exemplos a) e b) surge-nos uma situação diferente. Em ambos os casos o vocábulo *blackout* assume um valor técnico e terminológico e cujo sentido conceptual é reconhecido por um público mais específico e que se habituou a utilizar a sua força designativa e monossémica. Poderíamos eventualmente afirmar que nestas situações e, tendo em conta o público visado, o anglicismo serve

³⁰ Curiosamente o português do Brasil aponta o equivalente de “blecaute”, mas parece-nos que neste caso a adequação ortográfica e fonológica não resolveria a dificuldade de interpretação do termo. Cf. Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa. 1999. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

³¹ da nossa autoria

o propósito comunicativo e assume-se como uma alternativa tradutológica viável.

Contudo, esta estratégia tornar-se-ia ineficaz nos restantes exemplos, pois o estrangeirismo não veicularia sentido para os desconhecedores da língua inglesa. Mais, o falante comum, incapaz de reconhecer a polissemia do termo estrangeiro, facilmente assumiria que o conceito de *blackout* que conhece, é o mesmo para todas as situações:

d) O paciente estava tão fraco que teve uma súbita *recusa em prestar declarações ou entrevistas à imprensa ou aos media*.

Neste exemplo se evidencia que o tradutor terá sempre um papel decisivo no esclarecimento das ambiguidades e dificuldades de interpretação da mensagem estrangeira. Paradoxalmente, em casos específicos, o termo estrangeiro acaba por funcionar como uma estratégia de tradução, como veremos de seguida.

3 A Transferência Linguística

A transferência linguística, como vimos, está intimamente ligada ao contacto interlinguístico (directo ou indirecto) e define-se essencialmente pela importação ou integração de vocábulos, expressões ou conceitos de origem estrangeira na língua de chegada. Do ponto de vista tradutológico a transferência linguística efectua-se, essencialmente, quando o tradutor sente a necessidade de reproduzir contextos linguísticos ou culturais da língua de partida, diferentes ou inexistentes (ou desconhecidos) da língua de chegada.

“When the concept to be translated refers to something which is not known in the receptor culture, then the translator’s task becomes more difficult. The translator will not just be looking for an appropriate way to refer to something which is already part of the experience of the receptor language audience, but he will be looking for a way to express a concept which is new to the speakers of the language.”

(LARSON 1984:163)

Deste modo, quando o tradutor é confrontado com a necessidade de reproduzir na língua receptora noções ou conceitos inexistentes no léxico da mesma, a sua primeira responsabilidade será compreender claramente o significado do termo em questão, enquadrando-o no mesmo contexto/referente em que surge. Posteriormente, caberá ao tradutor a problemática e difícil tarefa de reconstruir lexical e/ou semanticamente o termo da língua fonte. Recorrentemente, a importação ou transferência do termo da língua de partida para o seio da língua

receptora, é considerada como uma solução tradutológica, de funcionalidade discutível, mas seguramente a mais fácil.

A transferência linguística deverá, neste contexto, ser encarada enquanto processo de tradução resultante de uma opção/decisão (consciente ou não) tomada por parte do tradutor no seu acto de recodificação da mensagem. A transferência consiste assim em introduzir material textual da língua de importação no texto da língua de chegada. A denominação *transferência* para este procedimento é a preferida por Newmark (1995:81-82).

A transferência, enquanto processo tradutológico, coloca ao tradutor diversos problemas relacionados com a adequação linguística e lexical (ortografia, sintaxe, morfologia) e com a equivalência conceptual, mas depende, naturalmente, de factores extralinguísticos como a influência dos meios de comunicação de massa, o meio sociocultural em que se enquadra, o objectivo e público visados, entre outros.

De um modo geral, e de acordo com M. Baker³² e P. Newmark³³ ambos parecem concordar que a transferência ou importação lexical realiza-se quando:

- o termo ou conceito da língua de partida não tem correspondente directo na língua receptora, por pertencer a uma realidade ou contexto cultural inexistente na língua de tradução, ou por ser um termo técnico ou designativo inovador (neológico);

- o termo importado, embora possa ter um equivalente (aproximado) na língua de chegada adquiriu outras conotações diferentes das de origem;

³² BAKER, Mona. 1992:17-43

³³ NEWMARK, Peter. 1988:70-84

- o termo ou conceito é usado retórica ou estilisticamente.

A importação lexical obriga, na maioria das vezes, a uma adequação lexical e/ou semântica necessárias à sua funcionalidade dentro do sistema da língua receptora.

"The words of a language are separate elements, of course, but at the same time they are part of a system: the lexicon is itself partly structured and also the context in which the words occur in the sentence imposes structural constraints on borrowing. These constraints manifest themselves in the fact that some categories can be borrowed more easily than others, or at least are borrowed more frequently than others. (...) More generally, content words (adjectives, nouns, verbs) will be borrowed most easily than function words (articles, pronouns, conjunctions) since the former have a clear link to cultural content and the latter do not."

(MALONE 1988:128)

Deste modo, a decisão de integrar um termo de origem estrangeira (estraneirismo) no texto da língua de chegada terá obviamente implicações de adequação conceptual, cultural e linguística, das quais o tradutor terá inevitavelmente que estar consciente.

Os signos são entidades cuja existência assenta na associação de duas faces complementares, que segundo Saussure, se designam de significante e significado. É o tipo de relação existente entre estas duas faces que fundamenta a existência dos signos enquanto tais, e é o desvio a esta relação que rege a introdução de factos linguísticos específicos, originados pelas interferências entre um sistema linguístico autóctone e um sistema linguístico estrangeiro:

- através da introdução de novos significantes para designar novos significados ou em concorrência com significados preexistentes
- através da distorção da relação entre significante e significado

Toda a interferência e os seus resultados afectam diversos níveis na relação significante/significado. Os significantes dos estrangeirismos não são transferidos de uma língua para outra de forma inalterada. É próprio da interferência entre línguas, o resultado de algo novo e diferente relativamente a cada uma das línguas em contacto, atingindo ambas as faces do signo. A utilização de formas estrangeiras coloca, logo à partida, dificuldades de ordem prática, resultantes de diferenças fonológicas e ortográficas entre a língua de acolhimento e a(s) língua(s) de origem. Termos como: *aerobics, club, dollar, leader, phonograph, pickles, poker, revolver, suspense*, adaptaram-se bem aos mecanismos de funcionamento da língua portuguesa, tanto fonológica como ortograficamente: líder, suspense, aeróbica, pickles, dólar, clube, póquer, revólver, fonógrafo.

No entanto, esta facilidade de integração do significante é apenas aparente, até porque na sua maioria, os anglicismos são mantidos inalterados, segundo a sua forma de origem, apenas com ligeiros cambiantes fonéticos e ajustes ortográficos, dada a problemática em encontrar significantes equivalentes, igualmente eficazes. Vejamos os exemplos: *background, bestseller, blackout, brainstorming, brunch, bungalow, cash flow, challenger, hacker, hardware, hovercraft, outsider, puzzle, smiley, software, stand, stripper, striptease, time-sharing, topless, unplugged, upgrade, western, zapping*.

A solução encontrada passa recorrentemente pela reinterpretação do signo estrangeiro, traduzindo (mais ou menos literalmente) o

significado dos seus componentes ou reproduzindo de uma forma equivalente o conceito ou a realidade que este designa.

Deste modo, a transferência lexical pode assumir três formas essenciais:

- incorporar os vocábulos estrangeiros na língua receptora, tal qual eles surgem na língua de origem;
- adaptar os vocábulos de acordo com a estrutura fonética, a ortográfica e a morfológica da língua de chegada;
- recorrer a uma tradução (mais ou menos) literal ou equivalente dos termos em causa.

No primeiro caso empregamos um estrangeirismo, que, no âmbito da língua inglesa denominamos anglicismo, no segundo adoptamos um empréstimo e por fim recorremos a um decalque.

Esta divisão tripartida representa as principais formas de transferência utilizadas pelo tradutor quando o termo importado não tem um correspondente lexical ou conceptual directo na língua de tradução.

3.1 Formas de Transferência aplicadas à Tradução

3.1.1 Estrangeirismo e Empréstimo

O estrangeirismo será, eventualmente, a forma mais visível de transferência lexical. A proliferação de estrangeirismos é particularmente significativa não só em língua corrente, mas especialmente nas áreas técnicas e científicas, em que, sobretudo os termos anglo-americanos, os anglicismos e americanismos, acabam por ocupar lugar de destaque, quer pela sua abundância, quer pela facilidade designativa que leva os utilizadores (falantes, mas também os tradutores) a adoptarem-nos incondicionalmente. Na verdade, muitos deles revelam-se precisos, económicos e altamente apelativos, até pela sugestividade fonosimbólica: *beep, bluff, boom, bug, crawl, fader, flash, gag, gang, jazz, net, open, pop, raid, set, spray, stress, video-clip, etc.*

A facilidade de identificação dos estrangeirismos tem a ver com facto de que o que se introduz primeiro é o significante, isto é, uma forma fónica e gráfica nova. Tal significante implica quase sempre uma (re-) organização de fonemas e grafemas invulgares e não conforme com o sistema silábico português. O seu carácter estrangeiro "salta aos olhos e aos ouvidos" dos falantes autóctones. Neste sentido o estrangeirismo distingue-se do empréstimo, na medida em que o primeiro resulta da importação ou transcrição directa de um termo ou vocábulo tal qual ele existe na língua de origem, mantendo (até certo ponto) a sua forma gráfica e fonética; no segundo caso, o empréstimo, dentro deste contexto seria o estrangeirismo naturalizado, adaptado ao sistema linguístico que o recebe: *críquete, futebol, andebol, ténis, rãguebi, champô, recorde, uísque, líder, pulôver, sandwish/sandes, jipe, bife, dândi, snobe, faroeste, xerife, etc.*

Haugen na sua tipologia relativa à importação lexical distingue precisamente a *importação* e a *substituição* como as duas formas

básicas de integração e aceitação de termos estrangeiros numa dada língua:

"In the simplest case, a word is borrowed as a whole: both sound and meaning. If this was the only possibility, not much would need to be said. Many other possibilities of lexical borrowing occur, however, forcing us to develop a more systematic approach. The primary distinction introduced is the one between importation and substitution. Importation involves bringing a pattern into the language, substitution involves replacing something from another language with a native pattern."

(HAUGEN 1969:32)

A grande maioria dos empréstimos foram anteriormente estrangeirismos que acabaram por se "moldar" à estrutura fonética e ortográfica da língua receptora. A língua portuguesa tem milhares de estrangeirismos antigos, sobretudo de proveniência latina e árabe que, com o passar dos anos e com a evolução da própria língua, se converteram em empréstimos que hoje ninguém reconhece como tais. Estas palavras que se foram modificando ao longo dos séculos até chegarem a nós, constituem, assim, a nossa herança linguística. Não podemos dizer que essas palavras são importações, pelo menos sob um ponto de vista sincrónico, pois elas constituem a base da nossa língua, tal como nós hoje a entendemos. Como refere M. Vilela (1995:17):

"Poderíamos dizer que o empréstimo é do domínio do adstrato, mas substratos e superstratos foram, a dado momento, empréstimos, pois participaram no desenvolvimento histórico da língua formal e conteudisticamente, não se distinguindo do tesouro comum da língua."

O recurso ao estrangeirismo ou ao empréstimo por parte do tradutor deve-se na maioria dos casos à incapacidade de este reproduzir de uma forma eficaz conceitos ou termos técnicos específicos inexistentes ou culturalmente desconhecidos da língua de chegada. O mesmo se passa em áreas conceptuais com fortes raízes culturais e sociológicas e onde uma tentativa de tradução desvirtualizaria toda a carga referencial presente no termo importado. Trata-se daquilo que Mona Baker designa por “culture-specific concepts” nos quais podemos englobar hábitos, práticas, costumes, tradições, peças de vestuário, festividades, pratos regionais, referentes geográficos, climatéricos, etc:

“The source-language word may express a concept which is totally unknown in the target culture. The concept in question may be abstract or concrete; it may relate to a religious belief, a social custom, or even a type of food.”

(BAKER 1992:21)

Na realidade, o uso de estrangeirismos pode ser considerado como uma prática inversa à da tradução já que, em termos pragmáticos, não há qualquer equivalência ou “recriação” linguística. De facto, no processo de importação lexical, dificilmente a transferência do significante estrangeiro reproduz, por si só, o seu significado, de tal modo que o tradutor ver-se-á obrigado a encontrar soluções que possibilitem a compreensão do termo ou conceito estrangeiro por parte do receptor.

Raras são as vezes em que a transferência e uso isolado de um estrangeirismo permitem ao receptor da tradução, a sua interpretação e descodificação pelo contexto da mensagem, excepto se o estrangeirismo for já do uso corrente da língua ou ainda se pertence ao horizonte linguístico do falante a que se dirige a mensagem (referimo-nos ao conhecimento da língua estrangeira por parte do falante ou da sua

experiência linguística dentro de determinada área específica propensa ao uso de anglicismos).

Nestas circunstâncias, não há uma verdadeira tradução, ou seja, não há uma substituição de significados da língua de origem por significados da língua de tradução, trata-se antes dum implante directo de um signo (significante e significado) estrangeiro. Visto deste modo, a transferência linguística apresenta-se como um processo oposto ao da prática tradutológica, uma vez que não há na língua de tradução uma comutação ou “recriação” linguística de um elemento da língua de origem.

Porém, tal como afirma Garcia Yebra o uso do anglicismo pode assumir uma função didáctica ao levar o receptor a tentar desvendar pelo contexto os possíveis significados do estrangeirismo:

“En realidad, el préstamo inadaptado (extranjerismo) no es un procedimiento de traducción, sino de enseñanza limitada, pero directa de la lengua de origen. El traductor que recurre al extranjerismo enfrenta directamente a sus lectores con una palabra de la LO³⁴ y, a lo sumo, les facilita su aprendizaje y el descubrimiento de su significado por el contexto.”

(GARCIA YEBRA 1984:341)

Apesar de em tradução as transferências linguísticas serem necessárias e inevitáveis, o uso do estrangeirismo ou do empréstimo (apesar de este último possuir já características ortográficas e morfológicas da língua receptora) não pode significar uma impotência ou incapacidade tradutológica, antes pelo contrário deverá ser o resultado de uma opção consciente e deliberada por parte do tradutor. Também os escritores usam recorrentemente os estrangeirismos pela sua capacidade designativa, referencial e cultural, mas também pela sua

função estilística. Caberá ao tradutor saber interpretar esses estrangeirismos e discernir entre o estrangeirismo necessário e o dispensável. A importação lexical (enquanto elemento desconhecido do léxico da língua do receptor) desprovida de qualquer adaptação, naturalização, explicação ou contextualização pode, de facto em múltiplas circunstâncias representar uma barreira à comunicação, impossibilitando em diversas situações a eficácia tradutológica.

A condição necessária para o emprego da transferência na tradução é que o leitor possa apreender o seu significado através do contexto. Muitas vezes o texto da língua de partida não permite esta compreensão, sendo necessário acrescentar à mensagem traduzida procedimentos adicionais à transferência, para proporcionar ao receptor/leitor um entendimento do significado da mesma. Esses procedimentos adicionais, que se dividem em notas de rodapé e explicações diluídas no texto, foram examinadas por Newmark³⁵ em detalhe. Este enumera as três formas que podem tomar as notas do tradutor:

- notas de rodapé
- notas no final do capítulo
- notas ou glossário no final do livro

Além disso, a explicação da transferência pode ser diluída no texto, assim evitando-se o emprego da nota de rodapé. Este método também permite uma proximidade contínua do texto sem distrações com anotações extra-textuais. Neste caso, a explicação pode aparecer entre vírgulas, entre travessões, entre aspas ou entre parênteses.

³⁴ Língua de origem

³⁵ Cf. NEWMARK, Peter. 1988

3.1.1.1 Reestruturação do Estrangeirismo

"L'emprunt (...) est par définition, au moment de son introduction, un néologisme, et c'est à la manière du néologisme autochtone qu'il s'inscrit dans les champs sémantiques pré-existants. Mais il s'inscrit avec des caractères propres, qui l'en distinguent."

(PERGNIER, M 1989:68)

Até este momento tem-se considerado o estrangeirismo unicamente no seu processo de saída do sistema da língua de origem para entrar na língua receptora, tendo em conta o processo de dupla redução a que essa operação o submete. Resta agora considerar o tratamento a que o estrangeirismo está sujeito, em simultâneo, ao se integrar no sistema linguístico de acolhimento.

Seria insuficiente considerar que o estrangeirismo se distingue unicamente do termo original pelo processo de redução de sentido. A interferência que origina o estrangeirismo coloca com efeito dois sistemas linguísticos em jogo. Tanto para o significado, como para as outras componentes do signo, é o sistema da língua receptora que desempenhará papel determinante no futuro do estrangeirismo.

O estrangeirismo é, desde a sua chegada ao léxico da língua de acolhimento, integrado num sistema lexical pré-existente. Os sujeitos que o utilizam servem-se dele (tal como acontece com os outros elementos da língua) situando-o em relação a termos vizinhos autóctones.

Tal facto explica que a maioria dos estrangeirismos não perca apenas a sua significação e a sua polissemia na transferência, mas ainda que adquira, para a designação única com que penetra na língua de acolhimento, uma definição apenas similar, não igual, à que possuía na língua de origem.

Os utilizadores duma língua, ao retomarem o estrangeirismo (qualquer que seja a origem da sua introdução), fazem-no com um intuito prático. Eles utilizam o termo porque este designa (ou porque crêem que ele designa) uma nova realidade distinta de todas as outras designada pelos termos existentes na língua. Isto quer dizer que os utilizadores situam de forma imediata esse termo no seu sistema linguístico, em relação com os outros termos do mesmo campo semântico, atribuindo-lhe de imediato uma diferença relativamente aos outros.

A conjugação de todos os factores já mencionados é fortemente ilustrada pelo destino do anglicismo *poster*, muito em uso por todas as categorias de falantes: esse termo veio-se juntar a uma lista, já bastante rica, de termos que designam cartazes, gravuras, placardes, *outdoors*, etc., sem matar nenhum deles no léxico, mas simplesmente posicionando-o relativamente, isto é especializando-o na sua designação³⁶:

póster - cartaz ou gravura para fins decorativos.

cartaz - papel que é afixado em lugar público contendo um ou mais anúncios, reclamos.

gravura - estampa, imagem, figura

estampa - imagem impressa ou gravada

gravura - imagem.

reclamo - publicidade feita por qualquer forma, anúncio.

placar - quadro onde se afixam ou escrevem informações específicas

³⁶ Definições recolhidas em *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* 1999 5ª edição Texto Editora

relacionadas com o local onde está.

outdoor – painel de grandes dimensões utilizado geralmente no exterior para fins publicitários

Desta forma, o conteúdo original do termo inglês foi esvaziado da sua noção de afixação pública, essencialmente informativa: "large sheet of paper announcing or advertising something, for display in a public place."³⁷

Nesta perspectiva, o estrangeirismo apresenta-se como um meio de enriquecimento do léxico duma língua. Não é, pois, apenas um registo passivo duma nova denominação que veio substituir termos existentes para conceitos existentes. O estrangeirismo origina diferenciações semânticas, redefinindo e redelimitando contrastivamente áreas semânticas.

Esta particularidade do estrangeirismo leva-nos a questionar as razões do seu sucesso: será que é a existência do estrangeirismo que origina a introdução de novas distinções semânticas ou serão as necessidades de novas distinções semânticas que motivam e estimulam a utilização de estrangeirismos?

Para se tentar responder a essas perguntas, é preciso encarar o problema no quadro de um princípio mais vasto: a língua recusa a sinonímia. Trata-se duma redução imprópria do problema. Naturalmente, não é a língua que recusa a sinonímia, são os sujeitos enunciadoreis cuja representação ela mediatiza. O conjunto das diferenças que constituem o sistema de significantes incita-os a ver igualmente um conjunto de diferenças nos significados veiculados pelos ditos significantes. Consequentemente, não existem pares de signos que permaneçam sinónimos por muito tempo, no sentido restrito do termo (isto é, em competição directa para designar identicamente uma noção). Na prática

³⁷ Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English 1990 4th edition Oxford University Press

do discurso, quando dois signos se encontram nesta situação, ou um deles cai em desuso em proveito do outro, ou um deles adquire uma componente semântica especializada, como aconteceu com o termo *poster*.

O sujeito enunciador está mais consciente da alteridade dos sinónimos do que do traço semântico comum em que assenta a sua sinonímia. É sem dúvida a vontade inconsciente de conferir um rendimento máximo aos signos na denominação dos conceitos no decurso da comunicação que leva os utilizadores duma língua a recusarem a sinonímia integral e a investirem diferenças na identidade virtual, salvaguardando, no entanto, a possibilidade de associações ocasionais entre os significados previamente diferenciados. A sinonímia acaba por ser, simultaneamente, a diferença e a possibilidade de equivalência em determinadas condições textuais.

Naturalmente que as diferenças investidas na dissociação de sinónimos podem ser de origens e motivações diversas, levando os utilizadores a recusar a sinonímia potencial de dois signos, dentro e fora do contexto.

A diferenciação pode ter raízes fortemente pragmáticas e inscrever-se na polissemia dos signos. Por exemplo, "meu cunhado", pode em inúmeros enunciados ser substituído pelo sinónimo "irmão do meu marido", mas a sinonímia não é reversível, pois "meu cunhado" pode designar também "marido da minha irmã". Tal facto não tem apenas a ver com o facto de a língua portuguesa não possuir uma fina grelha de análise das relações de parentesco; tem a ver sobretudo com a não-equivalência fundamental e irremediável entre significação e designação: "cunhado" exprime um grau de parentesco indirecto com outro indivíduo do sexo masculino, enquanto que "irmão de" ou "marido de" exprimem uma relação de parentesco entre uma outra pessoa e esse mesmo indivíduo. A necessidade de exprimir a relação familiar específica obrigará a recorrer ao sinónimo "irmão do meu marido" ou

"marido da minha irmã", todas as vezes que o uso de "cunhado" se torne ambíguo.

Qualquer distinção entre termos quase sinónimos, não pode ser avaliada apenas tendo por base a identidade do referente. Deve-se ter ainda em consideração a implicação, consciente ou inconsciente, que os utilizadores da língua lhes atribuem. A recusa da sinonímia, que regra geral prevalece, enriquece a paleta das línguas, criando gradações de significado. Tais gradações podem ser puramente denotativas ou conotativas; por exemplo, diferenças entre registos de níveis de língua:

magnetofone - linguagem técnica

gravador - gíria profissional

magnetoscópio - linguagem técnica

gravador de vídeo/gravador de videotape - gíria profissional

objectiva de distância focal variável - linguagem técnica

zoom - gíria profissional

Em função deste princípio geral, é, pois, normal que os estrangeirismos se recusem serem duplos dos termos existentes na língua de acolhimento.

No caso preciso da neologia lexical, a recusa da sinonímia pode, em casos extremos, ligados à inovação científica, técnica, tecnológica, económica ou sociológica, assumir a forma duma verdadeira inflação. Na era da escuta da música gravada em disco, dispusemos sucessivamente de aparelhos destinados a "ler" os discos sob o nome de gramofone, fonógrafo, electrofone, gira-discos, magnetofone, leitor de discos compactos. Pode-se argumentar que tais mudanças de denominação correspondem a uma evolução nas técnicas correspondentes. O automóvel viu igualmente as suas técnicas evoluírem, continuando

sempre designado como automóvel. A introdução de novos termos para designar novas realidades desse aparelho, apenas se justifica pelo desejo de exprimir outra coisa, cada vez que se introduz uma inovação (pouco importa que seja por razões comerciais ou sociológicas).

3.1.2 Decalque

O decalque é um tipo de interferência que, contrariamente aos anteriormente analisados, não coloca em jogo os significantes dos signos, tendo unicamente a ver com as estruturas subjacentes do significado. Estas interferências são menos visíveis e mais insidiosas. Os decalques podem ter consequências na gramática (morfologia e sintaxe) e no léxico. Num e noutro caso, consistem na transferência dos caracteres próprios da relação significante/significado duma língua para outra, sem importar o significante ou sem reduzir um ou outro dos significados com base na similitude dos significantes.

Em conjunto ou separados, o decalque gramatical/morfossintáctico e o decalque lexical concorrem para a transferência de denominação duma língua para outra. Pode ocorrer de forma que violenta a língua de acolhimento ou pode-se aí integrar harmoniosamente. Nesta última categoria veja-se "skyscraper" arranha-céus: o decalque transmite uma imagem, salvaguardando as partes constituintes do termo composto e as suas inter-relações semântico-gramaticais, adaptando no entanto a sintaxe às regras morfosintácticas do português³⁸. De acordo com a qualidade da adaptação, o nível em que se situa, a utilidade semântica dos novos conceitos introduzidos por este processo, o decalque tanto pode participar na criação neológica, ou ser um elemento de perturbação do sistema no qual introduz um "ruído" prejudicial à clareza dos sinais.

Quer isto dizer que a noção de decalque recobre realidades linguísticas extremamente diversas, indo da transposição errónea e ininteligível das estruturas gramaticais estrangeiras, até à adaptação de conceitos expressos sob uma forma modelada de acordo com a

³⁸ Uma transposição directa do grau zero de adaptação morfosintáctica daria céu-arranhador e a um grau elementar de adaptação arranhador de céu.

estrutura conceptual da língua na qual foram introduzidos, com todos os seus graus intermédios.

Os decalques, especialmente aqueles que estão na base duma composição nominal ou sintagmática, manifestam a delicadeza da língua que utiliza os seus recursos internos, à medida que a forma se torna fixa pelo uso, e não há nenhuma razão para nos privarmos deste processo de "fertilização terminológica" cada vez que corresponda a uma necessidade e que esteja dentro da inteligibilidade e aceitabilidade linguísticas.

<i>high fidelity; hi-fi</i>	>	alta fidelidade
<i>week-end</i>	>	fim de semana
<i>service-station</i>	>	estação de serviço
<i>honeymoon</i>	>	lua de mel
<i>highspeed camera</i>	>	câmara de alta velocidade
<i>brainwash</i>	>	lavagem cerebral
<i>cold war</i>	>	guerra fria
<i>tonic water</i>	>	água tônica
<i>supermarket</i>	>	supermercado
<i>disc-jockey</i>	>	disco jockey

Os compostos ou sintagmas já estabelecidos no uso, como arranha-céus, cadeira eléctrica, nave espacial, são bem construídos e poderiam ter nascido, idêntica e directamente, em português.

O decalque só se torna parasita e condenável quando é uma forma híbrida na qual os significantes e os significados interferem sem exprimirem a ideia pelo sintagma decalcado, e assumem a forma de sintagmas ou compostos bem formados existentes previamente na língua: actualmente, está muito na moda, no meio televisivo, dizer "ir para intervalo" em vez de "fazer intervalo", talvez por influência anglo-saxónica de "let's go for a break".

O lugar que consagramos aqui a estes factos de interferência é consideravelmente mais reduzido do que aquele que dedicámos às outras categorias de estrangeirismos. O decalque representa uma das partes mais pequenas no grosso de todos os tipos de interferências sofridas pelo português europeu.

Se a morfologia e a sintaxe do português são pouco marcadas pelo inglês no seu uso unilingue, criam-se, no entanto, microssistemas em vias de expansão. Tais sistemas são na sua maioria incrustações utilizadas conscientemente pelos locutores.

A multiplicação destes exemplos em anúncios comerciais não é sinal duma influência real da gramática inglesa sobre a gramática portuguesa, é simplesmente sintoma duma progressão da imagem do inglês como língua internacional do marketing e do consumismo.

3.1.3 Criação neológica

Funcionando como uma alternativa à não transferência de termos estrangeiros, a criação neológica exige conhecimentos profundos da história da língua, da morfologia e da semântica e obriga a uma capacidade imaginativa e criadora difícil de concretizar:

“Lexical borrowing (...) can be described as a result of the fact that using readymade designations is more economical than describing things afresh. Few users of language are poets.”

(WEINREICH, U. 1970:6)

A neologia traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos. Essa introdução pode ser realizada de forma consciente ou inconsciente, pelo recurso aos mecanismos de formação de palavras da língua. Se atendermos às considerações anteriores poder-se-á subdividir a neologia, em termos genéricos, em neologia de forma, neologia de sentido, mas também em neologia de uso.

De acordo com Margarita Correia³⁹ a neologia pode ser:

- formal - quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registo de língua (ex.: derivados e compostos novos, palavras de origem estrangeira);
- semântica - quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova aceção;

³⁹ Cf. MATEUS, Maria Helena e CORREIA, Margarita 1998

- pragmática: quando a neologia resulta da passagem de uma palavra usada num dado registo para outro registo da mesma língua. A novidade pragmática implica, normalmente, novidade semântica.

Neste sentido, podem distinguir-se pelo menos três casos concretos em que o recurso à neologia surge como inevitável:

- ausência de um termo em língua-alvo que exprima uma noção ou um objecto importado de outra língua;
- eliminação de um empréstimo (estrangeirismo) não desejável, prejudicial ao equilíbrio do sistema da língua em causa. O empréstimo pode, todavia, ser considerado um recurso neológico justificado;
- substituição de um termo mal construído sob o ponto de vista morfológico: trata-se aqui de uma criação linguística com finalidade correctiva.

Nas línguas de especialidade, assim como na língua corrente, distinguem-se dois percursos diferentes para a neologia:

- a criação
- a pesquisa.

Tanto um como outro, correspondem a motivações distintas, consoante se pretenda elaborar um léxico técnico ou atestar usos observados em publicações de carácter técnico-científico ou, mesmo, em publicações de carácter geral. Em função dos objectivos, compete ao terminólogo (mais do que ao tradutor) optar por um ou outro percurso.

A neologia de criação coloca em movimento os diversos processos de criação lexical dentro de uma língua, manifestando a sua vitalidade. Caracteriza-se:

- pela sua utilidade imediata, uma vez que se insere num léxico em vias de constituição;
- pela sua força imediata, na medida em que, sem pressionar qualquer processo de normalização, resulta da aprovação de uma comissão devidamente identificada que recomenda a sua utilização. Só posteriormente é que os utilizadores terão oportunidade de testar a sua validade, aceitando ou recusando a nova unidade.

As novas unidades lexicais são criadas recorrendo a processos diferentes. Distinguem-se, neles, duas grandes categorias: neologia formal no plano da expressão ou neologia morfológica e neologia no plano do conteúdo ou neologia semântica.

A neologia morfológica consiste na formação directa de novas unidades lexicais (simples ou complexas) ou utilização de unidades até aí nunca usadas sob essa forma, partindo de elementos pertencentes ao próprio sistema morfológico da língua em questão, a sistemas morfológicos estrangeiros, quer clássicos (latim e grego), quer contemporâneos (inglês, ou outros). Nesta categoria incluem-se a derivação e a composição. Na neologia semântica um termo antigo recebe novo(s) significado(s).

Estes dois tipos de criação neológica abrem inúmeras possibilidades criativas sobre as quais o especialista, o linguista e o terminólogo têm de decidir quando da fabricação de termos.

Em neologia, é importante a criação de palavras que se integrem perfeitamente no sistema linguístico da língua e que, do ponto de vista

terminológico, sejam precisas. É igualmente importante que o neologismo seja manuseável, que não encontre resistência por parte dos utilizadores, que se integre fonética e morfológicamente no sistema linguístico em que se pretende enraizar. A sua aceitação linguística pelos potenciais utilizadores, segundo Cabré⁴⁰, dependerá, essencialmente, de cinco critérios:

1º conformidade com o sistema da língua: o neologismo deve ser fiel às estruturas morfológicas, fonológicas e ortográficas da língua padrão;

2º amplitude semântica: o neologismo deve ser capaz de expressar a realidade, evitando alusões e conotações pejorativas, prejudiciais ao significado que, efectivamente, se pretende veicular. Quando acontecem, tais casos devem ser postos de lado ou, então, reformulados sem ambiguidades (siglas: quando pronunciadas como um todo lexical podem suscitar confusão);

3º valor de integração na língua: capacidade do neologismo em se integrar no sistema a nível sintagmático: o neologismo deve permitir construções com base em séries lexicalizadas; a nível transformacional: o neologismo deve permitir a criação de formas lexicais derivadas e compostas;

4º critério onomasiológico: o neologismo não deve entrar em concorrência com outros termos, neológicos ou não, ou seja, a nova unidade lexical deve ser monorreferencial. A proposta de diferentes alternativas para substituir um empréstimo, acaba por favorecer a sua manutenção (ex: design).

5º valor sociolinguístico: será que o neologismo responde a uma

⁴⁰ Cf. CABRÉ 1993:451

necessidade concreta no momento da sua criação? A sua criação é realmente necessária ao modelo comunicacional em que se pretende incluir? A sua utilidade efectiva, riqueza expressiva, necessidade e êxito apenas serão comprovados depois da observação dos resultados obtidos em função de diferentes tipos de análise:

- frequência de uso,
- disponibilidade,
- capacidade referencial de veiculação da realidade referida,
- capacidade de difusão no interior e no exterior do domínio a que se refere,
- avaliação positiva ou negativa por parte do utilizador

Existem, no entanto, alguns critérios que devem ser seguidos, se se pretende uma boa aceitação terminológica por parte do público especializado. Convém, para isso:

- avaliar as probabilidades de aceitação dos termos, inspirando-se em modelos já aprovados e comparando-o com acções anteriores e/ou contemporâneas;
- preferir palavras de formação erudita que apresentam vantagens relativamente a uma eventual tradução noutras línguas; com efeito, as diferenças na pronúncia diminuem, havendo mais facilidade em dar equivalentes, sendo até o significado dos afixos comum a diversas línguas, etc.;
- conseguir que o conteúdo informativo do termo satisfaça as necessidades concretas de denominação e facilite a elaboração da definição;

O neologismo será proposto aos falantes e o seu uso acabará por o fixar. Uma vez aceite, será normalizado. Caso seja recusado, deverá ser retirado e substituído por outro que reúna as condições exigidas. Este conjunto de requisitos dará força ao acto de criação, fazendo com que o neologismo passe a ser considerado como aceitável por especialistas e pelo conjunto da comunidade técnica e/ou científica.

Os neologismos resultantes da importação lexical devem ser alvo de uma atenção redobrada por parte do tradutor. Deverá procurar sempre uma normalização e uniformização terminológica de forma a não perturbar o sistema fonológico, morfológico ou ortográfico da língua de acolhimento. Em diversos casos as dificuldades de integração de um anglicismo na língua portuguesa resultam precisamente na adaptação ortográfica e fonológica. Vejamos os exemplos:

Hamburger - » hamburga; hamburger; hambúrger; hambúrguer.

Shampoo -» shampô; champo; champon; champô

Disk Jockey - » disco jóquei; disc jokei; disco jokei, etc

4 A Transferência Linguística: problematização tradutológica

4.1 Funções e uso

A problemática da importação de termos estrangeiros na tradução reside precisamente na dificuldade em definir quais as situações em que a transferência e utilização do estrangeirismo se torna eficaz do ponto de vista comunicativo e, por outro lado, em que contextos o termo importado pelo tradutor se torna desnecessário ou origina dificuldades de interpretação por parte do receptor da mensagem traduzida.

A importação lexical pode, em parte, ser justificada quando o contacto ocorre em áreas específicas ou muito recentes, de tal modo que uma das línguas se revela linguisticamente deficitária, ou quando as noções ou conceitos são tecnológica e culturalmente distintos em ambas as línguas. Os exemplos mais claros são o que habitualmente se designa por *línguas de especialidade* ⁴¹ (noção consagrada em inglês como *Languages for special purposes*), tais como a terminologia técnica, científica, comercial...

Porém, também a língua utilizada, quotidianamente, na comunicação informal dos falantes e dos órgãos de informação em geral, (vulgarmente conhecida como língua padrão) é afectada pela importação lexical, sobretudo como uma consequência de uma adequação linguística ao mundo extralinguístico.

A importação e integração na língua corrente materna de vocábulos estrangeiros deve-se, por um lado, à necessidade de reproduzir noções, conceitos e ambientes social e culturalmente distintos ou inexistentes, mas, por outro lado, o estrangeirismo adquire uma carga afectiva, conotativa e estilística, quer pelo prestígio e sofisticação que transmite, quer pelo efeito “exótico” que produz e que recorrentemente caracterizam um nível de língua ou um grupo social em particular.

⁴¹ Cf. VILELA, Mário. 1995:35

Desta forma, a língua corrente opor-se-á, às línguas de especialidade, entendidas como subsistemas linguísticos que compreendem o conjunto de meios linguísticos próprios de um domínio particular do saber, e que pelo seu carácter denotativo, unívoco, e mono-referencial imposto pela necessidade de rigor e precisão técnico-científica, se enquadram no domínio das terminologias específicas que vão sempre aumentando de acordo com o ritmo e o progresso das áreas a que se referem.

Dentro deste contexto, a importação ou transferência lexical poderá ser encarada de acordo com o seu uso:

- denotativo – as palavras são importadas pelo seu significado referencial objectivo e pelo seu carácter designativo, conceptual, preenchendo, habitualmente, lacunas lexicais na língua de acolhimento. Geralmente estes vocábulos permanecem inalterados na sua forma de origem precisamente pela sua especificidade, mas também pelo facto de muitos deles se tornarem internacionais.
- conotativo – as palavras importadas são usadas por razões de prestígio, sofisticação, estatuto social, no sentido depreciativo ou valorativo.

Apesar de existirem, de facto, importações mais necessárias do que outras, a linha divisória entre as importações de necessidade e as importações de “luxo” é por vezes difícil de traçar. Na realidade, uma palavra importada denotativamente pode ser reutilizada noutros campos de forma conotativa ou metafórica, do mesmo modo que um termo usado pelo seu carácter estilístico pode vir a substituir, de um modo mais eficaz, um termo autóctone denotativo, ou ainda o mesmo termo ser usado polissemicamente.

O maior rigor semântico permitido pelo termo estrangeiro pode em certas circunstâncias ser outro motivo de importação lexical. Na realidade, estando o vocábulo estrangeiro mais directamente ligado com o objecto ou conceito que lhe deu origem, este será dificilmente substituído por uma tradução ou equivalente que não contém a mesma precisão na relação referente/signo. Traduzir será em certa medida desvirtuar essa relação na língua de origem entre o referente e o signo.

A função prática é, sem dúvida, a razão mais enunciada pelos tradutores para justificar o seu recurso aos estrangeirismos. É sobejamente conhecida a frase "não existe palavra em português para dizer a mesma coisa...". E, no entanto, esta impressão é com frequência mais um efeito que uma causa: são as funções lúdica e mistificadora que os utilizadores atribuem ao estrangeirismo que criam a ilusão de assim se tapar um vazio lexico-semântico. Esta ilusão, que inverte as relações de causalidade, nasce, em parte, dum nível de conhecimento reduzido da língua inglesa, tanto naqueles que difundem o estrangeirismo como naqueles que o adoptam em segunda mão.

Não quer isto dizer que o estrangeirismo não desempenhe uma função utilitária. Ele encontra-se com frequência reinvestido no sistema semântico do português dum conteúdo funcional próprio. Tanto o adolescente como o comerciante de brinquedos, que adoptaram no seu léxico o termo *skate*, conferem ao termo um conteúdo denotativo claramente diferente do que atribuem a patins; de igual forma, o profissional que utiliza um anglicismo, dentro do léxico específico que a sua área constitui, acredita que tal utilização se deve ao carácter intrinsecamente técnico do termo (portador de monossemia e precisão), e não ao facto de ter sido primeiramente utilizado por outros profissionais, como símbolo do fascínio que os termos anglo-americanos exercem no imaginário actual.

Esta ilusão provém, muitas vezes, da crença de que os estrangeirismos têm, na sua língua de origem, a mesma aura lúdica e

mistificadora, isto é, que um *skate* (em inglês, *roller-skate*) designa uma realidade diferente da dos patins ou que um *pace-maker* é um termo técnico-científico diferente de "regulador cardíaco", etc. O recurso a estrangeirismos não representa um fenómeno homogéneo. É antes algo que atinge desigualmente diferentes camadas sociológicas e diferentes domínios de uso da língua. A atitude dos diferentes utilizadores face aos empréstimos varia também consideravelmente em função de inúmeros factores, como idade, profissão, consciência linguística, etc.

Referiu-se, anteriormente, que certos domínios de comunicação, por razões práticas, lúdicas ou mistificadoras, são particularmente afectados por este fenómeno. É o caso dum grande número de ciências e técnicas nas quais o inglês se tem vindo a impor como língua dominante; é o caso do domínio das produções culturais de massa (cinema, televisão, canção, imprensa, publicidade, etc) e, bem entendido, de outros sectores em que os Estados Unidos e a língua anglo-americana servem de modelo de comportamento político, económico, social e cultural.

No âmbito dos *media* é, naturalmente, a publicidade que utiliza os estrangeirismos de forma mais luxuriante. Trata-se, sem dúvida, de uma técnica de comunicação que joga essencialmente com a função mágico-mistificadora da língua, encontrando na língua anglo-americana um reservatório inesgotável de meios. A linguagem publicitária surge quase como uma caricatura do que se passa nos outros domínios dos mass media.

No fundo, o recurso a estrangeirismos tem mais a ver com a utilização, o fim, a que os termos se destinam do que com a norma, a defesa da língua ou o purismo. Para desempenhar devidamente o seu papel "mágico", muitos conceitos precisam de chegar vestidos com uma forma linguística estrangeira e, muitas vezes, impermeável a uma análise conceptual. Observe-se, por exemplo, o termo "jet lag" (sensação geral de cansaço, desorientação ou náusea, frequentemente

experimentada após viagem de avião muito prolongada): decalcar as formas não veicula, em português, a ideia subjacente ao termo;

A impossibilidade de tradução atribuída aos anglicismos resulta, em parte, duma ocultação dos termos autóctones. Partindo da ideia pré-concebida de que não se conhecem ou não se encontram equivalentes para esses termos, os tradutores concluem que eles não existem.

No entanto, os significantes funcionam apenas como suportes fónicos e gráficos de conceitos. Nesse sentido, a definição, isto é, a conversão de signos "opacos" em signos "transparentes", pode desempenhar um papel essencial na conceptualização - o que aconteceu no exemplo anteriormente referido. Um termo específico num determinado domínio conceptual, como acontece com a grande maioria dos estrangeirismos em português, representa um termo preciso e objectivo, mesmo quando se trate de um termo de uso corrente, na medida em que possui uma definição específica "única" para o seu utilizador. No fundo, não é a opacidade do estrangeirismo que veicula a sua especificidade, mas sim a definição que lhe é atribuída.

5.2 Estímulo ou resistência

O perigo que uma língua corre, ao expor-se à multiplicação das interferências de outra língua, não reside tanto no facto de recorrer a estrangeirismos, nem mesmo no seu número, mas mais na habituação a esse recurso e subsequente recusa da capacidade de tradução e/ou procura de equivalentes. Esta submissão, voluntária ou inconsciente, aos estrangeirismos - sobretudo, quando se trata de factos correntes - pode atingir negativamente a capacidade dos falantes no que refere qualquer bilinguismo potencial ou ao enriquecimento da própria língua materna.

O recurso aos anglicismos acaba, muitas vezes, por ser, na língua corrente, a recusa da precisão e da clareza inerente a qualquer tipo de discurso que se pretenda informativo.

Por outro lado, do ponto de vista cognitivo e linguístico, o conhecimento e a comparação entre duas línguas diferentes revela-se um processo enriquecedor. O enriquecimento neológico através da injeção de estrangeirismos é sem dúvida benéfico para a língua, na condição de que os seus utilizadores os saibam situar relativamente aos termos da sua própria língua. O argumento de que não existe termo português para transmitir a mesma informação justifica-se em certos casos, ligados sobretudo aos neologismos que veiculam qualquer inovação técnica, científica ou social. Na verdade, na maioria das vezes, o recurso a estrangeirismos deve-se ao facto:

- ou de se atribuir aos termos estrangeiros conotações e gradações de sentido que eles realmente não possuem,
- ou à ocultação, e subsequente esquecimento/negligência, dos termos autóctones provocado pelo uso dos estrangeirismos.

A questão que aqui se coloca não é a de saber se os estrangeirismos se devem substituir por equivalentes autóctones, nem este trabalho tem por objectivo definir uma política linguística. Apenas se pretende tentar compreender as causas, as formas concretas assumidas para os efeitos de um fenómeno complexo. Não se coloca aqui em causa saber se se deve proteger a língua portuguesa da influência estrangeira, de forma aberta ou insidiosa, mas se será possível fazê-lo, isto é, será que a língua portuguesa se pode enriquecer e fazer frente às necessidades de comunicação dos lusófonos nos diferentes domínios do conhecimento sem que o recurso às formas estrangeiras ultrapasse o nível "normal" de interpenetração entre duas línguas? Quais os caminhos a seguir?

A prevenção da contaminação da língua portuguesa pelos estrangeirismos, não se pode confundir com o problema da expansão do inglês como língua veicular internacional. A extensão do papel do inglês na comunicação, à escala mundial, e a sua proeminência em inúmeros domínios de importância vital para as sociedades modernas são factos de que apenas podemos tomar conhecimento, impossíveis de controlar. Depende pouco da comunidade portuguesa - ou lusófona, em geral - que tal situação se altere num futuro previsível. É mesmo provável que o papel atribuído à língua anglo-americana se amplifique. Os portugueses, tal como os outros povos, inscrevem-se nesta corrente universal.

Qualquer acção sobre os vectores de propagação deste fenómeno dependem, primeiro, duma vontade colectiva e, segundo, de uma política linguística devidamente credenciada.

A invasão de estrangeirismos de todos os tipos, sujeita a língua portuguesa a uma enorme pressão sob a forma de interferências linguísticas, que aumentam desigualdades sociais e culturais, sobretudo porque a maioria da população não está preparada para a enfrentar, transformando-a num diálogo frutuoso de culturas e de línguas.

5.3 Estrangeirismos e Lexicalização

A partir da análise dos vários tipos de estrangeirismos, dos níveis e das formas em que se processa a interferência entre as línguas em contacto e dos processos de integração no sistema receptor, pode inferir-se a variedade de problemas que esta questão linguística levanta. Acontece ainda que os estrangeirismos não podem ser tratados de forma uniforme e sistemática: cada caso é único, porque se encontra circunscrito a determinado domínio do conhecimento ou a determinada categoria social (em função da idade, do sexo, do grupo profissional).

No entanto, pode colocar-se uma outra questão: deverão os estrangeirismos ser incluídos nos *corpus* dos dicionários de língua ou não? Isto é, deverão ser lexicalizados? Perante esta opção, o lexicólogo depara com duas tarefas contraditórias:

- por um lado, repertoriar o uso vivo da língua,
- por outro, seleccionar o que se pode considerar de uso padrão em detrimento de um que não o é.

Um dicionário que preze uma reputação de modernidade e se apresente ao público como reflexo da língua, tenderá, pois, para incluir usos pouco justificáveis de um ponto de vista normativo. Um dicionário que preze uma reputação de rigor e purismo tenderá a omitir esses usos. Caberá ao redactor do dicionário resolver a contradição. No entanto, é legítimo que o leitor espere encontrar no dicionário a chave de interpretação de um termo ou de uma expressão, especialmente quando estes aparecem com tanta frequência nas obras e nos jornais que lê.

Os meios de comunicação modernos concorrem não só para a propagação dos estrangeirismos, como também para a sua legitimação.

Quer alguns puristas queiram, quer não, tais meios, para além de funcionarem como factor de amplificação deste fenómeno, servem de modelo ao conjunto de utilizadores da língua comum. Assim, qualquer produto que seja anunciado nos *media* vê as suas vendas crescer de forma significativa. De igual modo, um termo, um "cliché", um neologismo, e, porque não, um estrangeirismo que surja nos meios contemporâneos de comunicação propaga-se rapidamente e o seu uso encontra-se, de imediato, valorizado e legitimado.

No entanto, a sobrevivência dos estrangeirismos, tanto na língua corrente como nos vocabulários de especialidade, parece oscilar entre uma (semi-) integração no sistema e uma percepção das formas importadas como formas estranhas, possuidoras duma existência própria, a-sistemática, enraizada na sua língua de origem. Isto embora uma das grandes motivações dos utilizadores da língua seja o recurso a formas estrangeiras, processo que também se deve ao carácter "estranho/estrangeiro", quase exótico, dessas mesmas formas. Daí que se pode antever que o estatuto dos estrangeirismos se mantenha ambíguo. Certas hesitações de pronúncia reflectem bem o carácter flutuante/ambivalente dos estrangeirismos, carácter extensível à totalidade das respectivas componentes morfossintácticas e semânticas.

5 Conclusão

Os contínuos e necessários contactos entre línguas e culturas são inevitavelmente uma força de aproximação entre povos. A interferência interlinguística é o resultado dessa necessidade de interacção, socialização, e comunicação. O processo de transferência de termos estrangeiros para a nossa língua mãe independentemente da forma (directa ou indirecta) como possa processar-se é forçosamente condicionado por factores extralinguísticos, sociais, culturais e psicológicos.

Geralmente a discussão sobre o processo de transferência linguística recai sobre a dualidade entre importações supérfluas e importações necessárias, consoante haja ou não uma possibilidade em encontrar alternativa ou equivalência eficaz e duradoura entre o termo estrangeiro e um eventual substituto nacional.

Porém, esta questão é tão complexa quanto a problemática entre a naturalização e a aculturação linguísticas. Se por um lado há uma procura da preservação da identidade cultural e linguística da língua materna, por outro o conhecimento de outras raízes e a aprendizagem de outras realidades tornam-se profundamente enriquecedoras.

Todavia, o tradutor, enquanto intermediário linguístico e cultural vê-se confrontado com este dilema a acrescentar à difícil tarefa de recodificação da mensagem da língua de importação na língua de chegada.

Neste contexto, o processo de transferência ou importação de um termo ou conceito estrangeiro manifesta-se como uma anti-tradução ou a negação do próprio conceito tradutológico. De um modo simplista, cabe ao tradutor veicular sentido, produzir inteligibilidade, possibilitar a comunicação entre falantes de línguas distintas. À primeira vista, esta função elementar da tradução não é alcançada aquando da manutenção/

transferência, para a língua de chegada, de um termo estrangeiro (na sua firma de origem) e portanto estranho ao receptor desconhecedor da língua de importação. Muitas formas e expressões não nativas utilizadas na tradução poderiam, assim, significar uma barreira à fiel e segura interpretação e compreensão, por parte do receptor, da mensagem traduzida.

Contudo, a transferência linguística não pode ser encarada como um capricho do tradutor, ou muito menos como uma incompetência, inoperância ou irresponsabilidade perante a sua língua de tradução. A importação e/ou adaptação de termos ou noções estrangeiras na nossa língua surge da evidente dificuldade em recodificar conceitos próprios de uma realidade (cultural, técnica, geográfica) específica, inovadora ou simplesmente inexistente no contexto cultural, social e linguístico da língua de chegada. Palavras que carregam afectividade ou dizem respeito a valores, tradições, etc, são difíceis de reproduzir mantendo a mesma carga emocional ou simbólica.

Por outro lado, o tradutor terá que lidar também com os termos estrangeiros que fazem parte do uso corrente da língua e que adquiriram um estatuto autónomo e funcional, recorrentemente distinto do uso que têm na língua de onde foram importados. Na realidade, em muitas situações o tradutor será um mero observador, um possível crítico, mas incapaz de interferir no uso da língua pelos falantes, ou nas influências externas dos diversos meios de comunicação.

A adopção e uso dos estrangeirismos, em especial dos anglicismos, ganhou uma profunda aceitação e popularidade, não só pela hegemonia económica e comercial resultante do progresso científico e tecnológico do mundo anglo-saxónico, mas também pela economia e funcionalidade linguística dos mesmos. O seu carácter internacional permite também a sua rápida divulgação e aceitação em áreas consideradas do domínio técnico-científico. Igualmente, os anglicismos

são reconhecidos pela sua função social e estilística ou por mera sofisticação.

Neste ponto, será compreensível que uma tradução forçada (ou apressada) de certos termos que se enquadram num contexto ou referente específico, relativos a públicos ou receptores particulares possa tornar-se mais difícil de entender que as palavras estrangeiras.

Ao praticar a transferência de vocábulos estrangeiros, o tradutor é forçosamente levado a defrontar-se com transformações e implicações linguísticas inerentes ao funcionamento da língua para onde traduz.

A integração ou adaptação de um termo estrangeiro ao sistema da língua de tradução obrigará o tradutor a ajustes ortográficos, morfológicos e sintáticos, de forma que o estrangeirismo possa ser funcional. No caso de este optar por manter a forma original da importação será indispensável a contextualização, explicação ou reforço de sentido do estrangeirismo, de modo a esclarecer o receptor do seu significado ou eventual implicação simbólica ou estilística.

A transferência será fortemente condicionada pelo público receptor e finalidade a que se destina, de acordo com o seu maior ou menor conhecimento da língua estrangeira em questão. Dentro do domínio das terminologias e linguagens de especialidade torna-se importante a univocidade e internacionalidade transmitida pelo anglicismo. Relativamente à linguagem corrente será fundamental analisar as conotações estilísticas e sociais que o termo adquiriu na convivência com a língua.

Deste modo, a importação lexical poderá permitir uma maior eficácia e rigor comunicativo do que uma eventual tradução ou aproximação de sentido.

Do ponto de vista tradutológico, não podemos partir do pressuposto que os estrangeirismos são interferências negativas ou prejudiciais na mensagem da tradução. Pelo contrário, o seu uso faz parte de uma necessidade comunicativa dos falantes e do próprio

tradutor. A grande questão reside na responsabilidade deste na adaptabilidade dos termos importados aos fins a que se destinam, respeitando (em consciência) as normas linguísticas da língua materna.

6 Bibliografia

BAKER, Mona. 1992. *In Other Words – A Coursebook on Translation*. London and New York: Routledge.

BLOOMFIELD, L. 1970 *Le Langage*. Paris : Bibliothèque Scientifique

CABRÉ, M. Teresa 1993 *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries

CARVALHO, Nelly. 1989 *Empréstimos Lingüísticos*. Editora Ática

CRISTAL David. 1998. *The Cambridge Encyclopaedia of the English Language*. Cambridge University Press

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. 1992. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

DIAS, Eduardo Mayone. 1989. *Falares Emigreses – uma abordagem ao seu estudo*. Maia: ICALP.

FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Editorial Caminho.

GARCÍA YEBRA, Valentín. 1984. *Teoría y práctica de la traducción*. 2ª ed. rev Madrid : Gredos ; 1º vol. : 408 p .2º vol. : p. 411-873.

GRÄHS, Lillebill; KORLÉN, Gustav; MALMBERG, Bertil. 1976. *Theory and Practice of Translation*. Bern – Frankfurt am Main – Las Vegas: Peter Lang Ed.

HAUGEN, E. 1956. *Bilingualism in the Americas: a bibliography and research guide*. University of Alabama Press.

LARSON, Mildred L..1984. *Meaning-based translation: a guide to Cross-Language Equivalence*. Lanham · New York · London: University Press of America.

MALONE, Joseph L. 1988. *The Science of Linguistics in the Art of Translation – Some Tools from Linguistics for the Analysis and Practice of Translation*. New York: State University of New York Press

MATEUS, Maria Helena e CORREIA, Margarita 1998 *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Publicações Europa-América: Mem Martins

NEWMARK, Peter. 1988. *Approaches to Translation*. New York: Prentice Hall International English Language Teaching

PERGNIER, M. 1989. *Les Anglicismes*. Paris: Gallimard

RIQUELME J. 1998. *Los anglicismos : anglismos y anglicismos, huéspedes de la lengua* / Jesucristo Riquelme

SANTOS, A. S. 1995. *Guia Prático de Tradução Inglesa – Comparação Semântica e Estilística entre os cognatos de Sentido Diferente em Inglês e Português*. São Paulo: editora Cultrix

SAUSSURE, Ferdinand de. 1992. *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

THOMASON, S. G. e KAUFMAN. 1988. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press

TORRE, Esteban. 1994. *Teoría de la Traducción Literaria*. Madrid: Editorial Síntesis.

VIERECK, Wolfgang e Bald, Wolf-Dietrich 1986. *ENGLISH IN CONTACT WITH OTHER LANGUAGES*

VILELA, Mário. 1994. *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*. Lisboa: Editorial Caminho

VILELA, Mário. 1995. *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina

WEINREICH, Uriel. 1970. *Languages in Contact*. The Hague: Mouton

Dicionários e obras de referência sobre anglicismos e estrangeirismos em geral

BASTOS, J. T. da Silva. 1933. *Estrangeirismos, erros e vícios da linguagem: colecção alfabetada de solecismos e estrangeirismos*. Lisboa: Tip. da Empresa do Anuário Comercial

COSTA, Francisco Alves da, 1990 *Dicionário de Estrangeirismos*. Lisboa: Editorial Domingos Barreira

Dicionário Electrónico Profissional (CD-ROM) de Inglês Português. Porto: Porto Editora Multimedia

Dicionário Universal da Língua Portuguesa. 1999 5ª edição Texto Editora

DUCROT, Oswald. 1973 *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

FIGUEIREDO, Cândido de. 1956. *Os estrangeirismos: resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas à língua portuguesa*; 6ª ed. - Lisboa: A.M. Teixeira

MACHADO, José Pedro. 1994. *Estrangeirismos na Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. 1995. *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*. - 4ª ed., rev. e actualizada. - Lisboa: Clássica

Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa. 1999. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English. 1990. 4th edition. Oxford University Press

PARREIRA, Manuela e PINTO, J. Manuel de Castro 1990. *Prontuário Ortográfico Moderno*. Porto: Edições ASA

SANTOS, Agenor Soares dos. 1995. Guia Prático de Tradução Inglesa – Comparação Semântica e Estilística entre os cognatos de Sentido Diferente em Inglês e Português. São Paulo: Editora Cultrix

SCHMIDT-RADEFELT, Jürgen e SCHURIG, Dorothea. 1997. *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos na Língua Portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, Ferrer de Mesquita

SEQUEIRA, F. J. Martins. (s.d.) *Rol de estrangeirismos e respectivas correspondências em português de lei*. Lisboa: Liv. Popular de Francisco Franco

The Oxford English Dictionary. 1998 Second Edition Vol. II Oxford: Clarendon Press